

Campus

Jornal-laboratório do Departamento de Comunicação da UnB
2ª Quinzena de Novembro de 87 — nº 110

DCE: é agora ou nunca

FOTOS: ISABELA VILLAS-BOAS



A inércia dos estudantes poderá, mais uma vez, impedir o quórum mínimo de 35% dos alunos nas urnas



Na falta de vontade dos alunos, o risco da UnB continuar sem DCE por mais tempo ainda.



Há poucos dias da eleição para o DCE, os cartazes das chapas ainda não chamam a atenção dos estudantes

Depois de quatro anos sem uma entidade que os representasse, os estudantes da UnB terão nos dias 24, 25 e 26 deste mês a oportunidade de terem novamente uma diretoria em seu DCE. O maior problema enfrentado pelas três chapas que estão concorrendo é o risco de que pelo menos 35% dos alunos não compareçam às urnas nos dias da votação.

As chapas "Até quando esperar", "Meu coração tem um desejo imenso" e "Começar de novo" já estão em campo à procura de votos para seus extensos programas que lembram eleições parlamentares. Para quem acredita em promessas de campanha ou está desinformado sobre a eleição do DCE, leia pag. 5

Inquérito dirá quem é culpado

Uma Comissão de Inquérito foi instaurada pelo reitor Cristóvam Buarque para apurar denúncias de que uma das chapas concorrentes às eleições do DCE teria sido "bancada" com verbas da própria UnB. Em meio ao clima tenso e tumultuado da reunião entre estudantes e funcionários, ocorrida na segunda-feira no gabinete do reitor, prevalecia a preocupação de que tal denúncia viesse a prejudicar o processo eleitoral, que há quatro anos vem sendo mal-sucedido por falta de quórum.

(Pag. 4)

GREVE: 100 mil param em todo o país

ENTREVISTA

"Lutar e fazer política é vida"

O deputado federal cearense José Genoino Neto construiu sua vida política e partidária baseado em dois pilares dos quais nunca se afastou: a coerência com seus ideais e a garra com que se empenha em atingi-los. Mesmo nos momentos de maior provação, como quando foi condenado a cinco anos de cadeia por "militância política ilegal" por ter lutado como guerrilheiro na pior fase da ditadura militar, Genoino preservou a integridade de seu caráter. Hoje, em novo cenário e com outras armas, ele é um dos mais destacados defensores das ideias progressistas com que se tenta legitimar a futura Constituição do País. Nessa entrevista ao CAM-

MARCUS VINICIUS

PUS, Genoino revela também um lado menos conhecido dos que ainda tem na cabeça a imagem de um político radical. Ele fala dos "anos da fossa" em que vivemos, onde a universidade sofre de uma "crise de perspectivas" e o socialismo "perdeu seu atrativo como alternativa para as futuras gerações". Mostra-se preocupado com a questão nuclear, a AIDS, a juventude, e pede a todos que lutem por uma sociedade onde "as pessoas não sejam fragmentos de seres humanos". Esses assuntos e reforma agrária, Rede Globo, militares, PT e muitos outros são tratados por Genoino com a malícia e a astúcia de um guerrilheiro da palavra. (pág. 8)

PAULO CABRAL



"Fiz tudo com paixão — seja no movimento estudantil, na guerrilha ou na Constituinte. Política e luta são condições para que eu viva".

Insatisfeitos com o abono salarial concedido pelo governo, os funcionários das universidades federais resolveram paralisar suas atividades. Em meio a um semestre agitado, com eleições para o DCE, escândalos envolvendo chapas concorrentes, eleições para a ATA/FUB, a greve dos funcionários e a possível dos professores vêm aumentar ainda mais a tensão na Universidade de Brasília. Tudo isso, já no final de um semestre ainda incompleto, pois ainda não se atingiu os 3/4 de aulas exigidas pela legislação, é assistido, por uma comunidade que começa a se manifestar em relação aos seus próprios problemas, o que não acontecia até bem pouco tempo. Para os funcionários, esta não é a terceira greve do semestre, mas apenas a continuação de uma greve inacabada. Neste número, o Campus ouviu funcionários, professores e alunos para saber o que se pensa a respeito das possíveis articulações entre os três segmentos da Comunidade Universitária. (Pag. 4 e opiniões na pag. 2)



S U P L E M E N T O

Um mergulho por segredos mágicos

Existe um lugar onde se escondem bruxas, duendes, vampiros e outros seres fantásticos. Existe um lugar cercado de brumas, silêncio e mistérios, onde o impossível é cotidiano e a fantasia o habitual. Lá, ainda há espaço para poções, truques, segredos e rituais. É lá que mora a magia — pelo menos

por enquanto. Para percorrer esse mundo, feche os olhos e acredite no irreal. Depois, respire fundo e mergulhe nas páginas do SUPLEMENTO. Descubra todo o encanto do irreal, do surreal e do imaginário. Desvende os mistérios do fogo, da luz, da névoa, do vento e das tempestades. SONHE!!

Sexo

AIDS

— Peraí!
— Que foi?
— Cadê o cartãozinho?
— Ih! Esqueci.
— ...!
— Mas eu trouxe camisinha.
— Ah! Não. Pode furar!
— Ah! Benzinho, tô com tesão.
— Vem não. Sem cartãozinho nada feito.
— Mas eu tô bem! Olha pra mim.
— Para de me agarrar.
— Como se você não gostasse!
— Agora, só com cartãozinho.
— Cartãozinho o cacete!
— Xiii! Olha os vizinhos.
— ???
— ...
— Você não era assim.
— Ah! Depois que fiquei sabendo de umas coisas...
— De mim?
— Não, Pela Televisão.
— Ah!...
— ...
— ... Hum!... uh!
— Ah!... Ei! O que foi?
— Ah! Bem, e o cartãozinho?...
— O comportamento sexual tem novos signos, mas mantém um estigma: a paranóia do que será. O que será? Veja na página 6.



Clubes vão agitar o esporte

Diante do caos em que se encontra o desporto universitário, sobretudo em Brasília, com os JUB's esvaziados e com os Jogos Internos da UnB totalmente desprestigiados, a AAAUnB procurou, através da criação de seus clubes desportivos (handebol, vôlei e karatê, entre outros) uma solução para incentivar a permanência do atleta na Universidade, dando-lhe as mínimas condições de "sobrevivência" no esporte. As necessidades destes clubes são analisadas, bem como suas estruturas e projetos. E o Departamento de Educação Física mais uma vez levou a melhor nos JIUnB's, conquistando o ouro no vôlei (masculino e feminino), no handebol e no futebol de salão feminino, a prata no basquete masculino (vencido pela Medicina) e no futebol de campo (o ouro foi da Economia, campeã também no salão masculino) e o bronze no basquete feminino (ganho pela Agronomia). Os perfis do vôlei masculino e de Lucila Rondon são decifrados, além dos segredos da TOP (Torcida Organizada do Piquet).

(Pag. 7)

OLHO VIVO

•O autor da emenda que fixou em quatro anos o mandato do presidente Sarney já está sendo chamado de "o Dante que deu certo", numa referência a Dante de Oliveira, autor da emenda das Diretas-Já. O Dante do 15 de novembro de 87 é o baiano Jorge Hage, peemedebista do MUP, que agora, só se preocupa com uma coisa: garantir a vitória no plenário.

•O líder do PMDB, senador Mário Covas, confirmou sua tradição de melhor orador do Congresso ao defender a emenda pelos 4 anos de mandato. Arrancando aplausos do plenário e da galeria e emocionando a todos, ele citou Tancredo Neves ao lembrar que o compromisso da Constituinte é o de cumprir a tarefa da transição e devolver ao povo o direito de escolher o presidente.

•Frase do deputado Florestan Fernandes (PT-SP) sobre o presidente José Sarney: "Ele desgovernou o País, não revelou capacidade para o exercício dos papéis executivos e deu prioridade aos seus interesses políticos particulares. Eu acho que ele decepcionou até a ele próprio. Ele deve se olhar no espelho e pensar: Puxa vida! Que porcaria de presidente eu sou!"

•"Esse é o governo mais fraco da história do Brasil", segundo o presidente da FENAJ, Armando Rollemberg.

•Para o deputado Artur da Távola (PMDB-RJ), "Os intelectuais brasileiros acham engraçado falar mal da Constituinte por pura frustração, pela não participação nos trabalhos de elaboração da nova Carta.

•"Embora a duração do mandato presidencial deva ser objeto de deliberação soberana da Constituinte, manifesto desde logo a minha posição de que este mandato deva ser de quatro anos". Por incrível que pareça essa frase foi pronunciada pelo próprio Sarney em 7 de maio de 85.

•"Você me chamou para compor sua chapa"
"Mentira! Você é que me chamou para ser vice-presidente da sua". Este diálogo faz parte das discussões entre componentes das chapas Começar de Novo e Meu Coração tem um Desejo Imenso — duas das três que disputam as eleições do DCE. Como em toda eleição, esta não poderia deixar de ter lances cômicos.



Editorial

Legitimidade já!

O Sr. José Sarney está realmente fazendo jus a seu passado. Diplomado pela escola do oportunismo político que, secularmente, despeja toda uma horda de anões de caráter sobre nossa história, ele se revelou completamente inepto para o cargo de presidente da República e incapaz no controle de sua gula política. O poder o seduziu. Embora tenha ensaiado espasmos democráticos nas suas raras aparições como estadista, ele não resistiu ao populismo de decisões inconseqüentes. O que parece cristalino é que a Presidência sofre de uma tremenda anemia de legitimidade. O autoritarismo cada vez mais explícito do Executivo, agravado pelo confronto com uma Assembleia Nacional Constituinte, cuja soberania é apedrejada sistematicamente, leva a um derrame do mandato presidencial — apesar dos esforços dos curandeiros de plantão. A decisão

da Comissão de Sistematização encurtando o mandato presidencial para 4 anos é antes de tudo uma vitória da integridade sobre a farsa institucionalizada.

A transição está esgotada. Está mais do que evidente que somente eleições diretas para presidente no próximo ano, após a promulgação da nova Carta Magna, poderá recolocar o País no rumo seguro da estabilidade política. Legitimidade é mais do que um suspiro breve de popularidade. Credibilidade é mais que confisco de confiança.

Assim como a comunidade universitária reconstitui nesse momento o seu DCE, a Nação deve ter o direito de resgatar sua dívida moral com seu destino. O Sr. José Sarney precisa entender que o futuro do Brasil não pode ficar trancado na arte-sala de seus interesses políticos pessoais.

POLÍTICA

Sarney perde última chance

Quando o senador Jamil Haddad (PSB-RJ) deu o 47º voto da Comissão de Sistematização em favor do mandato de quatro anos para o presidente José Sarney, o país respirou aliviado. Com o descrédito vivido atualmente pelo governo, quanto maior sua duração, maior o fantasma de um golpe militar.

A aprovação da emenda do deputado Jorge Hage (PMDB-BA) só foi conseguida por causa dos surpreendentes votos de Sandra Cavalcanti (PSB-SP) e do relator Bernardo Cabral (PMDB-AM). Também foram decisivas as atuações dos governadores Miguel Arraes (PE) e Waldir Pires

(BA), que conseguiram convencer parlamentares das suas bancadas de seus estados a votarem pela antecipação do final do governo Sarney.

Se, por um lado, a vitória dos quatro anos deu mais estabilidade ao governo e consolidou a soberania da Constituinte frente ao Palácio do Planalto, por outro ela enfraquece o recém-aprovado parlamentarismo que, por ainda ser imaturo, está sujeito a não resistir aos discursos ambiciosos de poder dos candidatos à presidência. Ninguém garante que Leonel Brizola, Mário Covas, José Richa e Orestes Quêrcia, por exemplo, se

contemem em ser chefes de Estado governado por um poderoso primeiro-ministro que pode, muito bem, tratar-se de um inimigo político.

Se Sarney realmente desistiu dos seus sonhos cincoanistas, é difícil entender porque ele perdeu a chance de apoiar, desde o início da Constituinte, as eleições diretas para o ano que vem. Entraria para a história como um homem digno e deixava de retardar essa abertura que parece não acabar mais.

EUMANO SILVA
Editoria de Política

UNB

O DCE cantado em versos

Enquanto a capital do rock não canta a autonomia política garantida na letra da Constituinte, a comunidade da UnB avança, retoma o processo político e vive o clima de eleições.

Os funcionários elegem a segunda diretoria da ATA-FUB — Associação dos Técnicos Administrativos da Fundação Universidade de Brasília — e os estudantes ensaiam e procuram o ritmo da música que diz: O "MEU CORAÇÃO TEM UM DESEJO IMENSO", mas não sabe "ATÉ QUANDO ESPERAR", só acredita que vai "COMEÇAR DE NOVO". Afinando os

instrumentos e tirando das partituras a poeira de quatro anos, as três chapas prometem, em coro, reestruturar o erudito e clássico DCE.

É preciso que estudantes tenham a certeza que vai valer a pena. E é nessa melodia que transcorre a harmonia da discussão de agudos e graves problemas vividos no show que é a Universidade de Brasília. No concerto do movimento estudantil o tema mais sonoro é o aparelhamento das entidades pelos partidos políticos e as três chapas perdem o tom exatamente nesta nota. Desafinando ou não, o

que importa não são os partidos políticos e sim as propostas de cada chapa para fazer deste palco um local onde todos cantem a democracia.

Neste espírito a Editoria de UnB promoveu um encontro entre as chapas que disputam a Diretoria Central dos Estudantes (leia na página cinco) e acredita que desta vez a massa dos estudantes irá às urnas afinada num único ritmo: os estudantes precisam de um líder.

MÁRIO TAFURI
Editoria de UnB

ESPÓRTE

Esporte é ação no Campus

"Esporte é ação". Partindo desta proposta, consideramos importante a abertura de um espaço capaz de divulgar o esporte dentro da universidade, ou mesmo algo que interesse à comunidade. Assim, da mesma forma que cobrimos os IV Jogos Internos da UnB, com sua organização, jogos e destaques, enfatizamos outros assuntos, como as presenças de Paula e Hortência em Brasília, ou a torcida organizada do piloto Nelson Piquet, "dissecada" neste exemplar.

A intenção de criar a editoria, nasceu do nosso gosto pelo esporte. Porém, a cada matéria que fazíamos, sentíamos que, mais que tesão, tínhamos (e temos) um papel. Descobri-

mos (esperamos que não tarde) que nossa associação atlética (a impronunciável AAAUnB) está "pobre", seus membros desmotivados, cansados de "nadar contra a maré" das falta de incentivo, de verba, de pessoal e de uma legislação burocrática. O esporte universitário, como consequência, está morrendo em todo o Brasil, sobretudo em Brasília. Se a UnB é a única a manter uma associação "ativa" na cidade, o que se dirá do esporte nas outras faculdades locais?

Numa das últimas tentativas de realizar alguma coisa, a AAAUnB criou seus clubes desportivos inspirados no já antigo clube de handebol.

Desta forma, a UnB tentará montar uma base de atletas, com incentivo e patrocínio para treinar e jogar.

Está aí o papel da nossa editoria: lutar contra a falta de incentivo. Infelizmente muitos tentam deturpar a imagem do esporte, acusando-o de fator de alienação. Discriminam os JIUnB's, assim como se faz com os diversos eventos que acontecem a nível nacional. Precisamos acabar com o preconceito que existe, e lembrar que mais que lazer, esporte é competição.

MARCUS VINICIUS E
MARCOS PINHEIRO
Editoria de Esportes

COMPORTAMENTO

Sexo sem preço

Existem tribos nativas que praticam o sexo dentro de rituais, cultuam o ato e ficam presos a obrigação desta dança. Nas sociedades civilizadas, o sexo segue normas variáveis com as mudanças de valores, e, apesar de oscilar entre o popular e o oculto, o sexo sempre é uma idéia para discussão.

Neste mundo, onde o Deus recrimina o sexo e o transcende a um local divino, outros deuses receitam o sexo para a liberdade, a psicanálise descobre os seus mistérios, a televisão os escancara e a prostituição se

organiza, só faltava essa: a AIDS.

O sexo é de todos ou é individual?

A AIDS é repressora, compactua com o poder, com a regra, faz a vontade se perder no medo, no cuidado, e força a razão tomar conta de uma área totalmente instintiva.

Deixar que moldem o comportamento sexual é o mesmo que desprezar uma boa parcela de fantasia, já que o sexo é tão misterioso quanto a própria intimidade. Porém, o sexo é igual entre os homens, assim como entre os camelos, os jacarés, os ga-

viões, o que o torna universal, único e livre.

O desejo incitado é falso tanto quanto a repressão sexual. Há dentro das pessoas uma carga particular de potência sexual que, com todos os padres, todos os vírus, todas as maquinações, todos os sorvetes de morango, todos os pontos e regras da coletividade, persiste.

O sexo é meu!

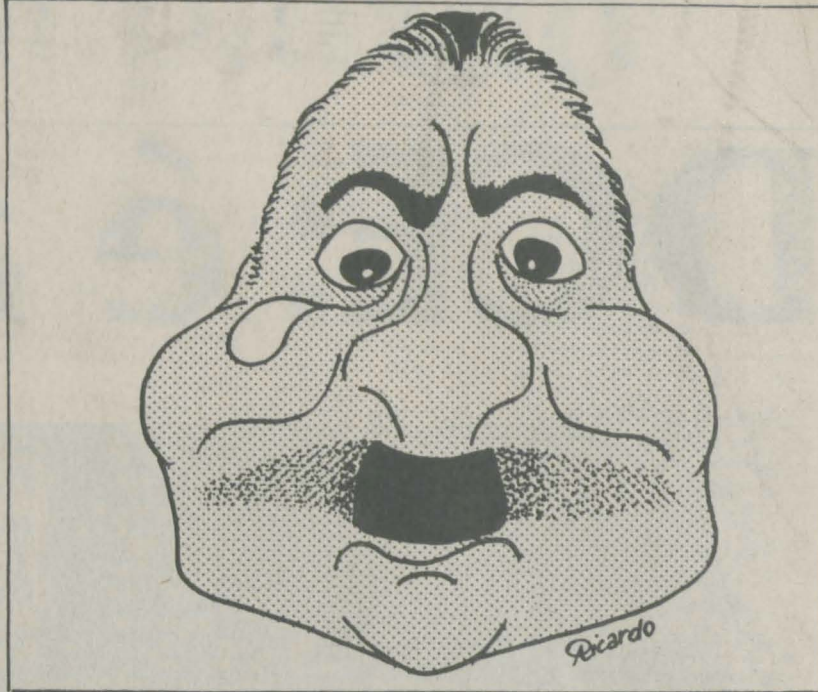
PAULO CABRAL
Editoria de Comportamento

CARTAS

"Brasília, 13 de novembro de 1987

Viemos por meio desta protestar contra as acusações levianas levantadas sobre o Ceubinho, em matéria publicada na página 4 do exemplar nº 109 do Jornal Campus, do Departamento de Comunicação. Nós freqüentamos este espaço não com o intuito de desfilarmos ou "aparecer", mas para encontrar nossos amigos, conversar sobre diversos assuntos (até mesmo sérios, cara repórter Jane Araújo) e também para nossa distração.

Esta é uma forma de tentarmos relaxar da vida estafante e rotineira de estudantes ou, até mesmo (e por que não?) de "matar" o tempo quando não temos mais nada para fazer. Grande parte dos alunos da UnB já passaram por este espaço democrático, e que por diversas vezes foi "explorado" como centro de divulgação cultural. "Olhares perdidos" podem ser encontrados em qualquer sala de aula da Universidade, não só entre nós. Que existam pessoas que não gostem do Ceubinho ou de quem o freqüenta, nós aceitamos, mas nos chamar de "tipos mentecaptos", e as menininhas de "messalinas" e "pseudo-írgens" é uma atitude ridícula, oriunda de uma mente doentia (que faz Medicina, quem diria?) ou de um gozador, que ao afirmar tais coisas, procurou brincar com a repórter que, por inocência ou inexperiência, talvez, publicou-as no jornal". OS FREQUENTADORES DO CEUBINHO



Os riscos da greve isolada

A realidade social do País praticamente inviabiliza, na consciência dos funcionários administrativos, um compromisso deles com os destinos da universidade, enquanto servidor e enquanto cidadão. Por outro lado os custos e conseqüências das greves não se distribuem igualmente entre os 3 segmentos, fazendo com que os alunos e professores sintam mais perdas com as greves: seja pela queda na qualidade do ensino, seja pela reposição das aulas que eles são obrigados a fazer. Os funcionários administrativos, por não se sentirem comprometidos, por não reporem os dias parados, por não sofrerem descontos nos salários, assumem posições desvinculadas dos demais segmentos, criando um impasse.

Por isto, se se deseja manter o processo democrático e fortalecer a Instituição, é preciso evitar os impasses entre os segmentos. Além da difícil incorporação dos funcionários administrativos no objetivo da universidade, uma solução seria que a comunidade, que elege o reitor paritariamente, assumisse o compromisso de que as greves só seriam deflagradas em votações paritárias, dos três segmentos, para greves gerais. Além destas, cada segmento poderia também fazer sua greve específica; mas, se contasse com a solidariedade dos demais segmentos, teria que correr o risco de decisões do Conselho Universitário, que não pode negar o direito à greve, mas pode exigir reposição dos dias parados e outras medidas de interesse da instituição e seus segmentos.

Não há outro instrumento de luta tão legítimo quanto a greve. O direito do trabalhador de usar ou não usar a sua própria força de trabalho é tão legítimo que é absurda a idéia de impedi-lo de fazer greves. Só os regimes escravocratas se julgam no direito de obrigar o trabalhador a trabalhar.

Esta não é mais uma greve

O movimento dos servidores técnico-administrativos há muito vem lutando por um plano de cargos e salários único para as Universidades federais, que contemple as reivindicações dos servidores. O que queremos com este plano? Em primeiro lugar, porque com a qualificação maior do pessoal técnico e administrativo, haverá ascensão profissional. Esta ascensão é um prêmio a quem estuda, evolui, busca alargar seus horizontes funcionais. E se isso é bom para o funcionário, melhor ainda para a Universidade. Em segundo lugar, o plano de cargos e salários vai unificar profissionalmente todos os servidores das universidades federais, eliminando as distorções hoje existentes.

Nós queremos trabalhar, contribuir com a transformação desta Universidade, mas exigimos salários decentes porque também sofremos com a atual situação do País. E o governo está faltando com a palavra ao romper o acordo assinado em abril. Desde esta época, estamos tentando efetivar negociações mas estas foram quebradas várias vezes, através de portarias ou por decretos.

É importante que o trabalhador da educação tenha vez neste País. Estamos conscientes dos problemas que a Universidade está enfrentando. Da crise que assola o Brasil. O que não podemos concordar e mesmo justificar é com a falta de cumprimento dos acordos assinados.

Esta não é uma nova greve. Na verdade, quando voltamos ao trabalho depois da última paralisação, nós o

Mas o direito à greve, legítimo, ao ser usado deve ter a consciência dos riscos que ele decorre. Ao entrar em greve o trabalhador sabe que, usando seu mais legítimo direito, corre o risco de ficar dias, semanas e até meses, sem receber seus salários.

O uso repetido do instrumento da greve, como tem ocorrido nas universidades, sem qualquer custo, tem riscos ainda maiores.

O primeiro destes riscos decorre do fato de que as greves tornam-se fáceis e passam a ser feitas sem maiores avaliações, levando a sua banalização. Ela passa a ocorrer tantas vezes, que deixa de assustar e perde a eficácia; levando, aos poucos, à degradação da instituição e do movimento dos trabalhadores.

Mas, o maior dos riscos da greve está na ameaça à democracia interna.

Mas nos próximos anos, o maior desafio da democracia universitária decorrerá especialmente da separação da universidade em 3 segmentos, com interesses nem sempre coincidentes.

Se no futuro a comunidade dividir-se, o processo democrático se anulará como defesa da própria universidade, para que ela continue funcionando. E, lamentavelmente, é possível prever que isto poderá acontecer muito brevemente. Se, por exemplo, um dos segmentos desejar paralisar a universidade, por greve, contra a vontade dos outros dois, a comunidade, por maioria, tenderá a exigir medidas que reponham o equilíbrio interno de funcionamento da Instituição.

Isto tenderá a acontecer de forma ainda mais rápida, porque as greves nas universidades sacrificam desigualmente os segmentos.

CRISTOVAM BUARQUE
Reitor da UnB

fizemos porque acreditamos no governo que assinou um acordo conosco e até hoje não cumpriu. Não só não cumpriu. Fez pior. Através de decreto, transferiu do MEC para a SEDAP — todos os estudos para o plano de cargos e salários das Universidades. E logo em seguida, em outro decreto, concedeu reajustes de 75 por cento sobre as gratificações para as autarquias e de apenas 5 por cento sobre os salários para as fundações. Ao mesmo tempo, concede 20 por cento para o corpo docente.

Isto é tratamento diferenciado. Um tratamento que fere o princípio da isonomia e que, além disso, cria desigualdade entre o corpo docente e o corpo funcional dentro de uma mesma Universidade. Que estratégia podemos adotar? Não temos outro instrumento de luta a não ser a greve, depois de esgotadas todas as formas possíveis de negociação. Visto que o plano é retroativo desde primeiro de abril, o que queremos é enquadramento imediato com retroatividade de primeiro de abril, com correção das perdas de abril até outubro, que equivale a 59,35 por cento.

Estamos em greve desde zero hora de sexta-feira porque nos sentimos traídos pelo governo da Nova República, que não cumpre com os acordos feitos com os servidores das Universidades. Estamos sendo traídos mais uma vez. E desta vez, nesta greve, vamos até às últimas conseqüências.

ROSALVO PEREIRA FILHO
Presidente da ATA-FUB

EXPEDIENTE

Jornal — laboratório do Departamento de Comunicação da UnB
Endereço: Campus da UnB — ICC Norte
Editor-Chefe: Ricardo Miranda Filho
Editores: Mário Celso de Araújo Tafuri (UnB), Marcus Vinicius B. Lopes (Esporte), Paulo Cabral (Comportamento) e Eumano Silva (Política).
Editores do Suplemento: Andréa Quintiere, Marcus Vinicius B. Lopes, Giselle Chassot, Marcos Pinheiro, Eumano Silva e Cabral.
Repórteres e Redatores: Andréa Moraes, Augusto Rodrigues, Alessandra Rios, Benedito Augusto Carvalho Rodrigues, Daniel Angelo, Dizo Dal Moro, Delman Assis, Flávio Guilherme, Floriano Lima Filho, Giuliana Morrone, Hélio Franco, Jane Araújo, Larissa Chagas, Luiz Fernando Molina, Luiz Plu, Márcia Binder, Mário Sal-

mon, Marilda Vargas, Mauro Porto, Militão Ricardo, Nathália Kneipp, Oswaldo Buarim Júnior, Paulo Fona, Tíd Carvalho, Valéria Cristina Castanho.
Fotografia: Andréa de Castro Fonseca, César Mendes, Cláudia Valéria A. Pereira, Dulcídio Silveira Neto, Eunice Antunes Vieira, Isabel Cristina Braga, Isabela Villas Boas, Nathália Kneipp e Paulo Paniago.
Professores Consultores: Salomão Amorim, Gonzaga Mota e André Gustavo Stumpf.
Editora Supervisora: Jornalista Célia Maria Ladeira
Diagramação: Márcio Amaral
Ilustração: Ricardo Miranda Filho
Secretário de Redação: Verner Uhlman.

Composição, Revisão e Impressão: CORREIO BRAZILIENSE

A revelação do Semestre.

PRIMEIRA EXPOSIÇÃO
DE FOTOGRAFIA
dos Alunos do curso de Comunicação.

Dias: 16 à 25 de Novembro de 1987

Hora: 10:00 Hs

Local: Dep. de Comunicação
ICC Norte - UNB

APOIO: Serviço de Apoio Artístico
e Cultural - UNB

OFICINA DE SERIOTRAFIA

Arte: Claus Schmidt



Direita se articula no "Centrão"

CESAR MENDES



O líder do PFL, José Lourenço, que já está sendo chamado de Salazar do Recôncavo, é um dos coordenadores do Centrão.

Caiado teme AI-5 no campo com nova Carta

O surgimento da União Democrática Ruralista (UDR) foi a resposta dos proprietários rurais à tentativa de implantação da reforma agrária e revelou o fazendeiro Ronaldo Caiado como um expoente da direita no País. Descendente de uma oligarquia de políticos e latifundiários goianos, Caiado esteve em Brasília para arrecadar fundos para a sua entidade e pressionar os parlamentares no momento em que se vota a reforma agrária. Aqui ele fala ao CAMPUS.

CAMPUS: Como o Sr. está vendo a atuação da Constituinte na questão da reforma agrária?

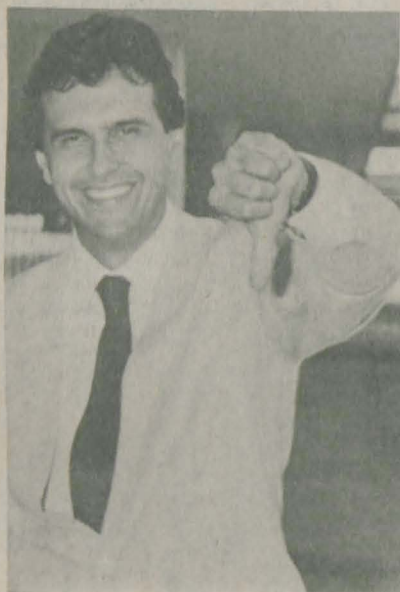
CAIADO: Todas as lideranças e setores da agricultura e pecuária chegaram a um consenso em torno de um documento onde o Governo pode fazer uma reforma agrária sem penalizar e sem confiscar a classe produtora rural. Esperamos que este documento sensibilize os Constituintes para que a livre iniciativa continue tendo direito e condições de aplicar no campo e aumentar cada vez mais a produtividade dessa Nação. Se os princípios da Constituição forem transformados naquelas aberrações propostas pelo Bernardo Cabral, plantando um verdadeiro AI-5 no campo, a classe estará totalmente desestimulada e vamos nos transformar em qualquer um desses países da África ou da América Central, como a Etiópia, Moçambique, Angola ou Nicarágua. Países esses totalmente incompetentes, como o Estado é incompetente, para gerir e administrar os seus órgãos. Veremos que se formos estatizados, isso aqui vai caminhar para o caos total. Temos a certeza absoluta de que no fim vai prevalecer o bom-senso, a inteligência e nós seremos vitoriosos. Poderemos sofrer até algum tropeço na Comissão de Sistematização, mas no plenário maior vai prevalecer o apoio a esses segmentos da sociedade que sempre foram o sustentáculo dessa

nação.

CAMPUS: Qual a função da UDR no Brasil hoje?

CAIADO: Em primeiro lugar, praticar a democracia. Num regime democrático existem, além dos partidos políticos, as entidades representativas dos vários segmentos da sociedade. Isso é fundamental em qualquer país do mundo. Cada segmento da sociedade tem a sua entidade representativa para dizer aquilo que deve ser feito em seu setor, como a UDR. A UDR cresce porque é a vocação real do produtor rural. Nós notávamos que a classe era desunida, desarticulada e mal representada politicamente. Então começamos um trabalho de conscientização política da classe, de união. Não promovemos movimentações regionais nem estaduais, mas num todo. Nós não podíamos ficar restritos a achar que a nossa propriedade estava garantida porque nós tínhamos a nossa escritura e a nossa cerca de arame. Nós precisávamos de ter realmente políticos que pensassem como nós e que nos defendessem. E para isso nós precisávamos tirar esse mau hábito do produtor rural de achar que política não é coisa séria.

É preciso fazer política para que nossas idéias possam ser respeitadas e defendidas. Política, ou você faz, ou autoriza que os outros façam por você.



Caiado: "Governo é incompetente"

cê só que contra você. Foi o que aconteceu com a classe produtora rural. Ela se omitiu da política, apareceram esses falsos representantes do social no país — que nunca trabalharam e nunca produziram —, adivinhando o que deve ser feito pelo povo. E a classe que trabalha, produz, gera emprego e é progressista nesse país, que é a classe produtora rural, foi desenhada nesta nação como se fosse um "sinhozinho Malta" da vida. Assim, estamos agora revertendo esse quadro e ocupando as posições que merecemos.

CAMPUS: Qual o futuro da UDR? Ela é o embrião de um novo partido político?

CAIADO: Não, isso seria um erro primário, um disparate. A entidade será eternamente uma entidade civil e representativa da classe produtora rural, independente das amarras governamentais, independente financeiramente e com isso terá uma vida eterna, que é a duração da classe produtora em qualquer país do mundo.

CAMPUS: O país vive uma crise política e econômica grave. O Sr. acredita num golpe militar hoje?

CAIADO: Eu acho que não há espaço para isso. A situação hoje, se é crítica do ponto de vista político e econômico, é por causa dos desmandos, da falta de rumo, de uma total indefinição política. É só isso. A crise econômica é uma consequência da crise política. Não se tem tranquilidade para dizer nada. Ninguém sabe como será o dia de amanhã. Qualquer previsão hoje da classe produtora rural é futurologia. É por isso que num momento como esse todos ficam inquietos. Todos começam a ter medo de aplicar e trabalhar, de ampliar aquilo que se tem potencial para fazer. Hoje, o que nós precisamos é colocar um rumo nesse país. É realmente termos homens de coragem para dizer de que maneira deve ser governada a nação. Ai você resgata a economia e a crença popular. E todos nós estamos dispostos a mais uma quota de sacrifícios, desde que se acredite que haja princípios sérios, não eleitoreiros e não demagógicos.

CAMPUS: Em poucas palavras, como o Sr. definiria o governo do presidente José Sarney hoje?

CAIADO: Indefinido e incompetente.

RICARDO MIRANDA FILHO

G O V E R N O

Popularidade na marra

Quando o ex-porta-voz da Presidência da República, Antônio Frota Neto, assumiu a diretoria da Empresa Brasileira de Notícias esta semana, estava se incumbindo de uma tarefa tal qual enxugar uma barra de gelo: a de tentar melhorar a imagem do governo através dos meios de comunicação. Depois de dezembro, quando o índice de popularidade do presidente José Sarney chegou a 34% segundo o IBOPE, o governo começou a investir pesado na sua propaganda.

Para encabeçar esta estratégia, em janeiro foi criada a Secaf (Secretaria Especial de Comunicação da Administração Federal) no Palácio do Planalto e colocado à sua frente o jornalista Getúlio Bittencourt, que virou, segundo os adversários, o grande censor palaciano. Segundo Ruy Lopes, antecessor de Frota na EBN, Bittencourt chegou a procurá-lo em fevereiro para que não colocasse em seus noticiários matérias sobre quatro anos de governo e parlamentarismo. "A EBN foi criada para divulgar todos os tipos de notícia", argumentou Ruy

durante uma palestra no Departamento de Comunicação da UnB, semana retrasada, explicando os motivos do seu pedido de demissão.

As orientações de Bittencourt, rejeitadas na EBN, não sofrem qualquer resistência em outros meios oficiais de comunicação. Na Radiobrás, o presidente, Antônio Martins, proibiu expressamente que os editores da TV e da Rádio Nacional divulgassem notícias "comprometedoras" da imagem governamental, como no caso de greves. A ENB foi prometida a verba que precisasse e o dobro de funcionários, para que ela entrasse no esquema do governo, mas a proposta de Bittencourt esbarrou em Ruy Lopes.

"O Frota está servindo como um estepe", disse Ruy, explicando que o ministro Brossard, da Justiça, a quem está vinculada a EBN, não iria rejeitar esta indicação do presidente Sarney. Segundo Ruy, Frota seria um meio de colocar a ex-Agência de Notícias do governo sob as asas do Planalto, que assim levantaria vóo no seu propósito

de reaver a popularidade.

Para Ruy, a EBN é importante pois abastece com notícias várias cidades, principalmente no Norte e Nordeste, onde empresas privadas não arriscam a ter prejuízo. "O direito à informação deve ser garantido a todos". Mas ele discorda de que só as informações que interessem ao governo sejam transmitidas. A sua proposta é que, ao invés de existir uma supersecretaria dona de si, seja criada uma comissão que garanta o controle da sociedade quanto à informação divulgada.

Resta saber se, mesmo dominando os meios de comunicação, o governo vai conseguir uma imagem melhor.

FLORIANO FILHO

O tão falado grupo do "Centrão" — formado por 313 constituintes de centro e direita — surgiu como resposta ao movimento de esquerda que vinha ganhando força e conseguindo "grandes vitórias" na comissão de sistematização. Os moderados insatisfeitos com as conquistas do grupo progressista resolveram mostrar que são maioria e que podem derrubar muitos dos artigos já aprovados pela sistematização.

A idéia de fazer um projeto e até a ousadia de um "documento à Nação" explicando os motivos que levaram os moderados a pedir mudanças no regimento interno da Constituinte, para a apresentação de novas emendas na última fase dos trabalhos da assembleia, partiu das principais lideranças do Centro Democrático — os moderados do PMDB. Eles conseguiram recolher pouco mais de 130 assinaturas, dentro do PMDB, menos da metade de assinaturas necessárias para exigir qualquer mudança no regimento, que são 280.

As lideranças do Centro Democrático ultrapassaram a barreira do PMDB e abriram o documento para outros partidos. Em uma semana o

"centrão" já contava com mais de 300 assinaturas. "Queremos tirar do projeto os pontos negativos aprovados pela sistematização" explica o deputado Daso Coimbra PMDB/RJ.

Os "pontos negativos" a que se referiu o deputado carioca estão quase todos no capítulo dos Direitos Individuais que engloba a garantia dos trabalhadores. É esse o alvo do "Centrão", alterar os principais artigos deste capítulo, como a estabilidade de emprego, jornada de trabalho etc.

Dentro do Congresso Nacional, a palavra "Centrão" tomou uma dimensão assustadora. Nos cafezinhos, nos bate-papos informais e até nas negociações mais delicadas da Constituinte, a palavra "centrão" é mecnada. "Não há como se pensar em acordo sem fecharmos com o centrão, ou pelo menos com uma parte dele" admite um deputado do Movimento de Unidade Progressista do PMDB, o MUP.

O mesmo deputado, que preferiu não se identificar, disse que os progressistas ainda não se consideram derrotados. "Tem muita gente no "centrão" que só quer apresentar novas emendas, mas não concorda

com a ideologia do Grupo".

De fato, muitos constituintes retiraram seus nomes da lista quando começou a circular pelo Congresso que o "Centrão", após a entrega da nova carta formaria um partido: "Foi quando eu tirei a minha assinatura. Eu só queria poder apresentar uma emenda que esqueci de apresentá-la na comissão da ordem econômica, orçamento e finanças". Justifica o deputado Fernando Gasparjam (PMDB-SP).

Se o "Centrão" vai conseguir unidade no plenário da Constituinte, isso só vamos saber na hora da votação, quando as luzes do painel eletrônico acenderem indicando os nomes que votam pelo "sim" e pelo "não". É aí que fica a dúvida: será que os constituintes vão querer tirar dos seus eleitores, as conquistas que a comissão de sistematização deu a eles?

FLÁVIO GUILHERME

Constituinte x grande imprensa

"Há algo no ar além dos aviões de carreira", sentenciou a deputada Sandra Cavalcanti (PFL-RJ), parodiando a frase famosa do Barão de Itararé. Preocupada com o que classificou de "uma orquestração contra a Constituinte", a deputada acabou por verbalizar a opinião de muitos parlamentares, que enxergam uma tentativa de desmoralização do Congresso, onde a grande imprensa entraria como a ponta de um iceberg de forças conservadoras.

"Acho que a imprensa está sendo utilizada por grupos que estão tendo seus interesses rejeitados", explica Sandra Cavalcanti, isentando os donos de jornais de qualquer intenção escusa. Se muitos constituintes acreditam nessa orquestração por parte de grupos contrariados, eles divergem na hora de apontar o maestro. Há aqueles que, como Sandra, acham que imprensa é apenas o canal de transmissão de grupos econômicos poderosos. "A grande imprensa é o aparelho ideológico dos segmentos dominantes da sociedade, isto é, aqueles ligados ao capital", interpreta o deputado Arthur da Távola (PMDB-RJ). Mais do que isso, ele acha que "o Brasil não tem a tradição de respeitar o seu parlamento", o que é ruim já que "não há democracia sem parlamento".

"Há uma campanha sistemática da grande imprensa objetivando desmoralizar a Constituinte", denuncia o deputado Brandão Monteiro (PDT-RJ) que acredita que "a grande imprensa, que é hoje vinculada a bancos e ao capital industrial", é responsável direta pela suposta orquestração. Com ele concorda o deputado Florestan Fernandes (PT-SP), para quem "o processo constituinte foi estigmatizado". "Como os meios de comunicação de massa são de propriedade de detentores do capital, estão aliados com os interesses da classe dominante", conclui Florestan.

Mas que medidas os parlamentares acham que devem ser tomadas para responder publicamente à tal orquestração da imprensa? "Continuar tocando esse processo para a frente,

sem que isso nos perturbe", responde Arthur da Távola. É essa a opinião dos demais parlamentares, embora alguns pensem em convocar uma cadeia nacional de rádio e televisão para rebater os ataques. "Estamos pedindo um tempo na televisão, mas infelizmente a mesa até agora não providenciou", lamenta Sandra Cavalcanti. "Espero que o presidente da Assembleia Nacional Constituinte, deputado Ulysses Guimarães, se manifeste, porque nós o encarregamos disso", sentencia o relator da Comissão de Sistematização, deputado Bernardo Cabral (PMDB-AM).

A IMPRENSA

Para o presidente da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), Armando Rollemberg, a base do problema está no atual regime de propriedade dos meios de comunicação de massa, onde cada jornal se identifica com interesses de certos grupos econômicos. "Há uma grande identidade entre os grandes empresários da imprensa — Roberto Marinho, Adol-

ISABEL CRISTINA



Para Arthur da Távola, a imprensa reflete o poder

pho Bloch, Nascimento Brito, Júlio de Mesquita Neto e Otávio Frias Filho — e os grandes empresários, banqueiros e latifundiários da UBE (União Brasileira de Empresários) e da UDR (União Democrática Ruralista)". Segundo Armando, quando os interesses desses empresários são contrariados, a grande imprensa responde tentando anular as decisões progressistas da Assembleia Nacional Constituinte.

Já Josias de Souza, secretário de redação da Folha de São Paulo, não acredita em orquestração da imprensa. Para ele a imprensa tem se limitado a refletir para o leitor a realidade dos fatos. Mas a explicitação da opinião da empresa nos editoriais é, para Josias, "um direito do jornal". O chefe de reportagem da revista Veja, Laurentino Gomes, defende a imprensa, que tem "servido de bode expiatório para todas as coisas que dão errado nesse país". Segundo ele, até "o governo, quando não consegue administrar direito, responsabiliza a imprensa". Laurentino não vê relação entre a vinculação da empresa jornalística ao poder econômico e a independência editorial do veículo. "Não dá para separar a imprensa da vida social do país. É claro que se a Constituinte faz algo que atinge diretamente a um determinado grupo social, isto vai afetar o jornal que representa esse grupo. O que não quer dizer que a imprensa tenha que se comprometer".

Outro jornalista que sai em defesa da categoria é Alexandre Garcia, da Rede Manchete de Televisão. Para ele, a cobertura que a grande imprensa tem dado à Constituinte é "justa e equilibrada". Alexandre culpa o "espírito de corpo" dos parlamentares pelas críticas que o Congresso tem devolvido à imprensa. "Há quem gostaria que a gente só elogiasse", ironiza. Para o jornalista, "ao invés de corrigir o criticável", os parlamentares preferem "inventar campanhas orquestradas".

VALÉRIA CASTANHO E RICARDO MIRANDA FILHO

Oportunidades

SEÇÕES & EDITORIAIS	SOM & IMAGEM	CURSOS & C
CONCURSO PARA ES-COLHA DE UM NOVO LOGO-TIPO PARA O CINE-CLUBE DOIS CANDANGOS - As inscrições gratuitas a apresentação dos trabalhos em papel cartão até dia 30/11. Os três primeiros colocados, entre outros prêmios, ganharão um permanente anual para o Cineclube. Sua contribuição é importante. Participe.	ARTON COMERCIAL SUL	COM SEU PAR COM

Greve pode ir até o fim do semestre

A última reunião do Conselho de Representantes da FASUBRA — Federação das Associações dos Servidores das Universidades Brasileiras — realizada em Salvador nos dias 13 e 14 deste mês, aprovou o indicativo de greve nacional da categoria, que foi marcada para o dia 19, com prazo indeterminado. Segundo Rosalvo Pereira, representante da UnB no Conselho, a greve é uma resposta ao governo pelo não atendimento das reivindicações dos funcionários das universidades federais, principalmente no que diz respeito ao aumento salarial e ao enquadramento no plano de cargos e salários.

Os funcionários estão revoltados com os 5% concedidos pelo governo ao corpo técnico-administrativo das fundações, a título de abono salarial. Para eles, o governo está jogando uma categoria contra a outra, como no caso do tratamento diferenciado entre os professores, os quais receberam um abono de 20%, e os funcionários. Como parte deste jogo, estão ainda os compromissos assumidos e não cumpridos, como no caso do equacionamento dos funcionários no plano de cargos e salários, o qual poderia ser efetivado de acordo com os critérios da portaria 475/87-MEC. Segundo os próprios funcionários, estes critérios trarão consequências negativas para os servidores, prejudicando inclusive a isonomia a nível nacional.

PROFESSORES

— Os professores também estão insatisfeitos com o abono concedido e

prometem tomar uma atitude frente à decisão governamental. É que eles esperavam um mínimo de 41%, que foi concedido ao funcionalismo público em geral. Na última reunião da Associação Nacional dos Docentes de Ensino Superior — ANDES — a UnB foi o único voto a favor da greve. Esta possibilidade não está, contudo, descartada, embora professor Antônio Ibanez, um dos diretores da ANDES, não acredite em greve de professores para este semestre. Caso o governo não atenda as reivindicações dos professores, será realizada uma nova assembleia a nível nacional, dia 26, a qual definirá qual será a atitude dos professores frente ao problema.

ARTICULAÇÕES

De acordo com Rosalvo Pereira, que é também o atual presidente da Associação dos Servidores Técnico-Administrativos da UnB, a ATA/FUB, com relação aos alunos não são encontrados canais de discussão dos problemas comuns, o que leva a movimentos isolados. Para Rosalvo, a falta de unidade do movimento universitário é causada pela falta de consciência entre os três segmentos da comunidade universitária, ou seja, entre professores, funcionários e alunos, além do jogo governamental no sentido de dividir o movimento.

Segundo Iris Helena, coordenadora de uma das chapas concorrentes ao Diretório Central dos Estudantes da UnB, “nós não somos contra a greve, mas ela deve ser utilizada como último recurso”. Para Iris, “deve-

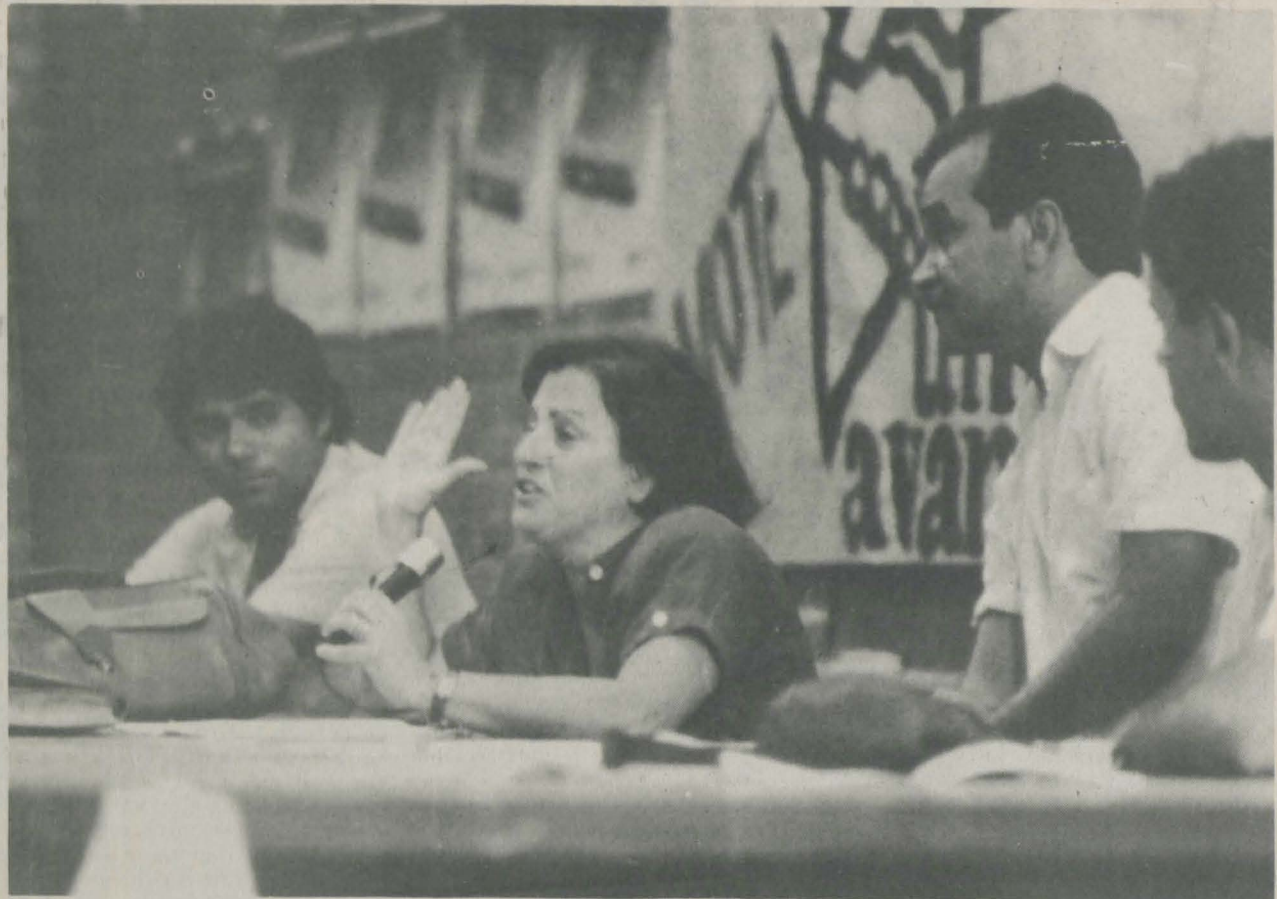
mos antes procurar todas as formas de entendimento possíveis”. “Os mais prejudicados com a greve são os alunos e, além disso, o problema passa também pela reformulação total da sociedade”, reforçou a coordenadora da chapa “Meu Coração Tem Um Desejo Imenso”.

Para Solymar L. Cunha, da coordenação geral da chapa “Até Quando Esperar”, “temos que avaliar também o porquê da greve dos funcionários”. “O movimento não é fruto da cabeça deles, mas sim de sua própria condição de vida”, afirma Solymar. Para ele, o importante mesmo é que os três segmentos mantenham-se informados das atividades de cada um e do conjunto da comunidade como um todo. Em sua opinião, o Congresso Universitário e a luta por mais verbas para a Universidade são fundamentais para a unificação do movimento.

Segundo Edmilson B. de Oliveira, membro da Chapa “Começar de Novo”, o problema dos estudantes é de representatividade. A partir de um DCE representativo, a entidade poderia ser o elo entre os estudantes e os demais setores da Universidade. Para ele, cada movimento é independente um do outro, mas “esta greve pode acabar criando uma rivalidade entre funcionários e estudantes”. Por enquanto, os estudantes não têm como se expressar e “só com um DCE nestes moldes os estudantes poderiam se posicionar”, declarou Edmilson.

DANIEL ÂNGELO

NATHALIA KNEIPP



Na Assembleia dos funcionários da UnB, o indicativo de greve nacional

DAA acusa os estudantes de desinformados

A Diretoria de Assuntos Acadêmicos — DAA — é responsável por todos os processos e problemas de ordem acadêmica dos alunos da Universidade de Brasília. Após todas as mudanças que ocorreram no órgão, nos últimos dois anos, os estudantes continuam achando o atendimento ineficiente e muito burocrático. Segundo a diretora da DAA, Dayse Costa Leininger, o que existe é desinformação e irresponsabilidade por parte dos alunos.

Lorien Marta Zanini, aluna do Departamento de Comunicação, transferida da Universidade Federal de Minas Gerais (ela é funcionária do Banco do Brasil, um caso de transferência obrigatória), levou um semestre para ingressar na UnB, e demorou um ano para receber os créditos, do aproveitamento de estudos o que a fez cursar duas vezes a mesma disciplina, História do Cinema, que já havia cursado na universidade anterior com o nome Técnicas de Cinema e Teatro, Lorien culpa a DAA pelo erro e pelo atraso.

Marcela Holanda, aluna do Departamento de Educação Artística, ao cursar a disciplina Oficina Básica de Teatro e Dança, recebeu menção errada. Entrou com pedido de revisão de menção, mas só conseguiu depois de um ano. Ela diz que o principal problema da DAA é a falta de informação e o excesso de burocracia.

Conforme explicação de Dayse Leininger, “a DAA recebe muitas críticas sem motivos, como problemas de falta de vagas nas disciplinas, aproveitamento de estudos de alunos transferidos, problemas de revisão final, quando esses assuntos são tratados pelo departamento. Para os problemas de matrículas estão encarregados 12 funcionários que cuidam apenas desse tipo de assunto”. Ao se referir ao atraso de expedição de documentos, Dayse explica: “Se o material não sai em dia, a culpa não é da DAA, mas do CPD que possui um equipamento ultrapassado. Já está sendo feita uma reformulação geral nessa área de informatização acadêmica, onde trabalham seis funcionários”.

De acordo com a diretora da DAA, “o que o órgão pretende é disciplinar o aluno, para que ele preste mais atenção nos prazos do calendário e não aumentar a burocracia. O estudante deve ter a responsabilidade para observar e seguir os prazos estabelecidos”.

A partir do momento que a DAA passou a realizar mudanças como a forma de matrícula (em etapa única),

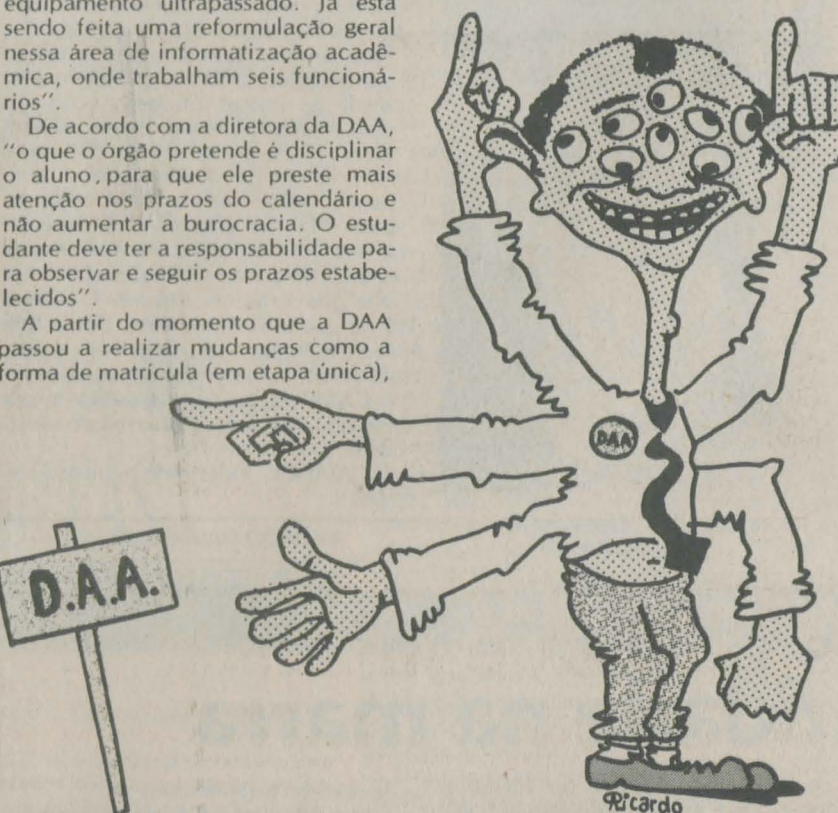
reajuste e cancelamento, que passaram a ser feitos e encaminhados pelos coordenadores de graduação dos departamentos, começaram a surgir os primeiros resultados da melhoria do atendimento. “O objetivo foi tornar o atendimento ao aluno mais personalizado, o professor coordenador do departamento conhece melhor as disciplinas e o estudante deixou de ser tratado apenas como um número de matrícula”, afirmou Dayse Leininger.

Segundo a diretora, a DAA pretende, no primeiro ou segundo semestre de 1988, implantar na UnB o sistema semi-seriado. De acordo com esse sistema, seria estabelecido um fluxo de disciplinas para o estudante cursar no semestre, sem tirar a opção do aluno de ajustar o seu horário disponível ao oferecido, e o sistema além de possuir uma certa flexibilidade, acabaria com os problemas de matrículas, pois o aluno já teria a sua vaga garantida.

Além disso, será mudado em breve o visual gráfico do registro de acompanhamento do aluno (a lista de chamada) e do histórico escolar para melhor funcionalidade. Para isso, três chefes de departamentos, três secretárias com larga experiência, a Coordenadora de informação acadêmica, o coordenador de modernização acadêmica e a própria diretora da DAA estão estudando o assunto.

Talvez a Diretoria de Assuntos Acadêmicos não possua rapidez, nem pessoal e recursos para realizar o trabalho de uma maneira mais eficaz. Mas, conforme os resultados apresentados pela urna de avaliação de atendimento que se encontra na entrada da DAA, no período de 10/05 a 16/06, de um total de 25 avaliações, 18 eram sugestões e elogios ao trabalho executado pela Diretoria.

MARILDA VARGAS
RICARDO BATISTA



Comissão coloca ponto final no caso TEL

O Decanato de Pesquisa e Pós-graduação coloca um ponto final no caso do Departamento de Teoria da Literatura — TEL. Pelo parecer da comissão de sindicância, que esteve apurando possíveis irregularidades no oferecimento da disciplina Correntes Críticas e Teóricas do curso de mestrado, nada foi encontrado de errado. Além disso, foram superados os mal-entendidos, considerando que a reitoria havia acusado o Departamento de ato indisciplinar por não ter atendido determinações da Câmara de Pesquisa e Pós-graduação — CPP.

O colegiado do curso de mestrado em Literatura entendeu o parecer da Comissão como incompleto e o Chefe do TEL já pediu, por escrito, escla-

recimentos ao Decano Isaac Roitmann. Pelo parecer não fica claro se o professor Ronaldo de Melo pode ou não continuar ministrando a referida disciplina. Através de recursos às instâncias superiores ao TEL como a Congregação de Carreira do IC e a Câmara de Pesquisa e Pós-graduação o professor conseguiu que fosse aprovado para lecionar no curso de mestrado contrariando a maioria do colegiado.

Segundo o Decano Roitmann, não existe qualquer confusão. “O professor Ronaldo continua lecionando no mestrado. O problema está no relacionamento entre os professores da Literatura e isso que é preciso ser resolvido.”

Professores fazem mutirão da moradia

Os professores da Universidade de Brasília, preocupados com a situação habitacional na capital Federal, resolveram atacar o problema através do mutirão. Com apoio da Associação dos Docentes da UnB, a ADUnB, eles resolveram montar uma Cooperativa Habitacional, e segundo Sadi Dal Rosso, presidente da ADUnB, neste sistema “os interessados se cotizam para a construção de um bloco de apartamentos destinados aos membros da Cooperativa”.

Ainda na busca de solução para este problema, a Universidade está construindo cerca de 300 apartamentos na “colina” — local onde se encontram os apartamentos da UnB —, destinados ao alojamento de professores e funcionários.

Uma das propostas é a de um convênio entre a FUB e a Caixa Econômica Federal, visando o financiamento de casas ou apartamentos próprios para aqueles que atualmente pagam um aluguel cujo preço alcança o valor da prestação de um imóvel. Além do mutirão, uma segunda alternativa, mais emergencial e apresentada também pela ADUnB, é a dos aluguéis coletivos. Neste caso, a ideia é forçar os preços dos aluguéis para baixo, através do oferecimento de algumas garantias para o locador, como o desconto das mensalidades diretamente em folha.

Segundo o professor José Luis Braga, membro do Conselho Universitário, a questão da habitação influencia diretamente o nível de ensino de uma instituição educacional, principalmente no que diz respeito aos professores. Para ele, como existe a isonomia entre os professores universitários em todo o País, “eles preferem ir para um local onde o preço dos aluguéis não seja tão alto como aqui”. Quanto ao recente aumento dos aluguéis dos apartamentos da Universidade, ele acredita que não haverá problema, pois os preços foram reajustados para um valor que equivale a 70% do preço de mercado. “O que influencia mesmo são os altos preços dos aluguéis aqui em Brasília”, afirmou.

DANIEL ÂNGELO

Porta fechada gera protesto na Arquitetura

Os alunos de Arquitetura e Urbanismo fizeram uma grande manifestação em frente ao Departamento, no último dia 11. Eles reivindicavam a reabertura de uma das portas de acesso ao local, que há dois meses havia sido fechada pela chefia para evitar os roubos e depredações de materiais.

“Enquanto eles não abrirem a outra entrada nenhum aluno entra no Departamento, informou o estudante de Arquitetura Roney Nemer. A questão, segundo Nemer, começou no início deste semestre quando, cansados de serem prejudicados com roubos e depredações de seus materiais, como régua, calculadoras, canetas importadas e até pranchetas, professores juntamente com a Diretoria do CA, decidiram fechar uma das entradas, a mais próxima do Ceubinho, na tentativa de evitar que a Arquitetura e Urbanismo continuasse a funcionar como um corredor, facilitando o trânsito de pessoas estranhas.

A medida seria temporária, explica Nemer, para testar se as ocorrências diminuiriam nesse período.

Diante do tumulto criado em frente à secretaria, o chefe do Departamento, Ramon Henrique Edreira Neves, reconheceu que estava criando um impasse, já que em sua opinião a medida melhorara de alguma forma o acesso de pessoas estranhas ao local. Foi decidida, então, a criação de uma comissão de alunos e de professores para estudarem, a fundo, a questão e tomarem as medidas para solucionar o problema.

JANE ARAUJO

BANDEJÃO

Decano explica aumento

O aumento nos preços do Bandedão causou revolta no meio dos estudantes, mas sem com isso conseguir qualquer mobilização por parte deles. O Conselho de Administração da UnB em reunião no dia 29 de outubro decidiu reajustar, sem o apoio dos estudantes e dos funcionários, os preços do Restaurante Universitário, o Bandedão, em até 150%. De acordo com a resolução os preços que passaram a vigorar desde o último dia três são os seguintes: alunos carentes Cz\$ 7,00, alunos semi-carentes Cz\$ 25,00, alunos não carentes Cz\$ 50,00 e visitantes Cz\$ 90,00.

Para Ivan Marinovic, estudante de Comunicação, “será muito difícil uma mobilização, os alunos estão sem representação do DCE e os moradores do CO, que são os mais atingidos com o aumento, estão sem representação da AMAE (Associação dos Moradores do Alojamento Estudantil), que nas últimas eleições tal qual aconteceu com o DCE, não obteve quórum. Já para Cássio Aviani, estudante do Departamento de Arquitetura, a administração deveria levar em conta que a finalidade do Bandedão não é lucro, “o aluno almoça aqui porque não tem condições de ir em casa. Aumentar em mais de 100% os preços sem melhorar a qualidade da comida é um absurdo”.

Desde março o Conselho aprovou o aumento dos preços das refeições servidas e, determinou que, a partir de então, os reajustes passassem a ser trimestrais. Porém com o Plano Cruzado 2 e em seguida o Plano Bresser,

PHIL CIDIO SIQUEIRA



Poucos protestos contra o aumento de 150% dos preços

os preços foram congelados, não ocorrendo o aumento que estava previsto para julho, permanecendo os preços de 1º de abril, ou seja, de sete meses atrás.

Segundo o Decano de Assuntos Comunitários, professora Eva Faleiros, a alimentação não possui verba do MEC, os recursos são da própria universidade, “quando necessário são retiradas verbas de outras áreas: contas de água, luz até mesmo de

pesquisas. Concluindo “a maioria dos restaurantes universitários está em crise e pronto para fechar”. Eva Faleiros cita ainda que das universidades que visitou em São Paulo (USP e UNICAMP), a UnB é a que tem, em termos de qualidade, a melhor comida do Brasil.

Jurandir de Melo, Diretor do Bandedão, frisa que o custo de uma refeição é de Cz\$ 70,00, contando os gêneros alimentícios e o material descartável, “a UnB não tinha como continuar fornecendo cerca de 77.000 refeições por mês por aquele preço”, antes o aluno carente pagava Cz\$ 3,00 e o não carente Cz\$ 17,00.

O Bandedão da Câmara dos Deputados que também é subsidiado por recursos do próprio órgão, reajustou seus preços em torno de 60%. Os funcionários antes do aumento pagavam por uma refeição Cz\$ 15,00 e agora estão pagando Cz\$ 25,00, enquanto o estudante paga o dobro.

De acordo com a estatística fornecida pelo Diretor do Bandedão, o movimento caiu em 20% após o reajuste, porém, garantiu que “todas as vezes que os preços são reajustados, há uma grande diminuição, mas só no período inicial”. Com a implantação do Self-Service no 3º andar do prédio, espera-se uma maior movimentação mesmo com os preços das refeições mais elevados do que os do Bandedão.

ALESSANDRA RIOS
RICARDO BATISTA

Lixo enche o saco

Não só os sacos de lixo, como também deveria encher as 118 cestas espalhadas pelo Campus. Como isso não acontece, o que o lixo enche mesmo são os corredores, salas de aula, banheiros e áreas verdes da universidade.

Já estamos de saco cheio, portanto jogue o lixo no lixo.

SERVIÇO DE LIMPEZA DA UnB

DCE Estudantes vão às urnas

DCE, uma sigla outrora de grande importância na comunidade universitária, hoje, pelo menos na UnB, se encontra perdida entre tantas outras, e só tem significado para aqueles cujo número de matrícula é anterior a 85. As três chapas concorrentes à nova diretoria estão em plena campanha eleitoral, porém os votantes de hoje já não são os mesmos de antes. Trata-se de uma nova geração de alunos.

As alunas do primeiro semestre da Engenharia Civil, Natércia Guimarães e Daniela Almeida, assim como vários outros entrevistados, desconhecem totalmente o que vem a ser DCE. Recém-saídas dos colégios Objetivo e Marista elas se dizem indefinidas e até mesmo apáticas politicamente, não por opção, mas pela falta de vivência eleitoral. Mas isso não impede que Natércia tenha alguma opinião formada: "Estudante é igual metalúrgico. Faz pressão e não apita nada".

Já a aluna Adriana Ramos, do segundo semestre de Sociologia, tem uma visão bastante definida. Para ela

o DCE é teoricamente necessário, porém ela não acredita numa diretoria filiada a um partido político, que com certeza pouco tem a ver com a realidade da UnB.

Fernanda Vanacof, do Departamento de Comunicação, também é dessa opinião. Para ela a política partidária inviabiliza a união em torno de uma proposta. Ela também acha que estas eleições estão sendo feitas muito às pressas. Fernanda acredita que era preciso um pouco mais de reflexão, uma vez que se trata de uma reconstrução. Ela reconhece a importância e urgência de um DCE, mas insiste que o processo deve ser mais bem pensado.

Leonardo Mendes é calouro do Departamento de Serviço Social, mas estudou anteriormente na UDF. "Lá nós tínhamos um diretório ativo, e eu não entendo como que isso não acontece aqui na UnB!" Leonardo coloca também que os estudantes têm uma obrigação moral de ser mais mobilizados e participativos, uma vez que a maioria deles, ao contrário dos que freqüentam a UDF, não tra-

balham e têm mais tempo disponível. "Isso, sem mencionar as outras condições favoráveis oferecidas pela universidade", conclui.

Vinicius XYZ, como preferiu se identificar, se formou este ano no curso de Arquitetura. Pessoalmente, ele não acredita em nenhum tipo de representatividade, organizações instituídas, etc. No entanto ele reconhece que "No sistema em que vivemos é sempre necessário — senão obrigatório — este tipo de coisa. Agora, já que se vai reformular o diretório, seria bom que funcionasse".

A comunidade estudantil agora é outra. Os estudantes que hoje andam por esses corredores não combatem o reitor Azevedo e nem o que ele representava. O vácuo é grande. Seria bom que aqueles interessados em colocar os estudantes em movimento, levem este quadro em consideração, senão tudo será como antes.

FERNANDO MOLINA

NATHALIA KNEIPP



Os membros das três chapas ouviram as propostas de seus concorrentes. Deste grupo sairá a direção política dos estudantes da Universidade

"Meu coração tem um desejo imenso"

A luta por mais verbas para a educação, a organização dos estudantes para discutir o estatuto da UnB e a discussão da relação professor aluno são três principais eixos que a chapa "Meu coração tem um desejo imenso" definiu para um projeto maior, denominado "defesa da universidade". No seu programa também estão registradas preocupações com ecologia e com a implantação de um "DCE volante", que se deslocaria em toda a Universidade, facilitando o contato com os estudantes.

Na composição da "Meu coração tem um desejo imenso" predominam as idéias da "Viração", corrente política do movimento estudantil ligada ao PC do B, e há também dois representantes do PCB e cerca de metade da chapa poder ser considerada "independente". A presença da "Viração" na chapa abre espaço para que seja acusada, por suas concorrentes, de praticar a mesma política que norteou a UNE até o último congresso. Na opinião das outras chapas, esta política seria a principal responsável pelo distanciamento que existe hoje entre a UNE e os estudantes brasileiros.

Os membros da "Viração se defendem": "os colegas que hoje estão na diretoria, quando estavam na oposição não levavam os trabalhos da UNE à frente. Não é porque estamos fora que deixaremos de encaminhar as propostas da entidade". E completam: "a discussão não pode ficar em cima dos partidos, pois não somos o SNI e a diretoria não deve passar por triagem ideológica. O movimento estudantil precisa se pautar por propostas.

Sobre a desmobilização do movimento estudantil, a chapa concorda com sua concorrente "Até quando esperar", e aponta como principal culpada a política educacional do regime militar, que "afastou os estudantes, com o sistema de créditos e despolitizou a juventude". Na UnB, este fato teria sido agravado pelo "sectarismo das últimas diretorias do DCE".

A "Meu coração, tem um desejo imenso" também não vê a reitoria como uma inimiga. Para ela, a atual administração trouxe avanços para a UnB, mas faltou organização dos estudantes para ocupar os espaços abertos. Como diretoria do DCE, a chapa se propõe a atuar junto com a reitoria, "sem pseudo-radicalismo", apontando os erros da administração.

Em áreas como ecologia e cultura, a chapa pretende contar com a ajuda de comissões que desenvolvam exclusivamente estes trabalhos. A "Meu coração tem um desejo imenso" quer, ainda, que a UnB adote a cartilha de estudante da UNE, que seria feita pelos próprios estudantes e não, como acontece hoje, por firmas particulares.

"Até quando esperar"

O princípio básico defendido pela chapa "Até quando esperar" é a democracia interna nas entidades estudantis. Seu programa dá ênfase ao trabalho dos Centros Acadêmicos e à prática de assembleias, e critica o uso das entidades como "aparelho" de partidos políticos. A luta por mais verbas para a educação e pelo ensino público e gratuito também são, segundo a chapa, bandeiras indispensáveis para a próxima diretoria do DCE.

Formada por nove militantes e um simpatizante do PT, e por cinco membros independentes, a "Até quando esperar" considera que qualquer partido pode atuar dentro da universidade, pois "os estudantes saberão escolher as melhores propostas". A democracia defendida, de acordo com a chapa, impedirá o "aparelhamento" das entidades. A "Até quando esperar" tem forte influência da "Convergência Socialista", corrente trotskista que se abriga dentro do PT.

A explicação que a chapa tem para a crise do movimento estudantil é a "elitização da universidade, provocada pelos vinte anos de regime militar". A "Até quando esperar" critica as diretorias anteriores da UNE, ligadas ao PC do B, "por serem responsáveis pelo descrédito da entidade". Com a eleição, no mês passado, de uma diretoria ligada ao PT, a chapa acredita que a UNE "poderá reverter esta situação".

A "Até quando esperar" defende a proporcionalidade para a diretoria do DCE. Por esta proposta, os cargos seriam divididos entre as chapas concorrentes, respeitando a proporção dos votos que cada um recebesse na eleição. Esta proposta não foi aprovada no Conselho de Entidades de Base (CEB), que definiu as regras da eleição mas, caso a chapa seja eleita, convidará as outras duas para participar da gestão.

Na opinião da chapa, a diretoria do DCE deve ter uma postura independente em relação à reitoria, levantando problemas e cobrando apoio da administração. As dificuldades da UnB, segundo a "Até quando esperar", não existem por culpa da reitoria: "a crise vem de cima, a administração é apenas o órgão executor da política educacional do governo e deve ficar do nosso lado".

Uma preocupação manifestada no programa da "Até quando esperar" é, caso eleita, manter um equilíbrio entre as atividades mais específicas da UnB e outras de caráter mais geral. Para a chapa, em algumas ocasiões os estudantes devem voltar suas atenções para questões como avaliação acadêmica e compra de equipamentos e, em outras, abordar, por exemplo, temas como a dívida externa, "dependendo do momento histórico".

EUMANO SILVA

"Começar de novo"

A grande bandeira da chapa "Começar de novo" é a crítica ao atrelamento das entidades estudantis aos partidos políticos. Além disso, se for eleita ela se propõe a transformar os Centros Acadêmicos em pessoas jurídicas, para que tenham mais poder e autonomia, e também a ocupar os órgãos colegiados, "onde as coisas acontecem". A chapa defende também a "limpeza" dos históricos escolares e a minimização dos preços de xerox e do "bandejeão".

A postura contrária ao atrelamento é contestada pelas outras chapas, porque na própria "Começar de novo" existe um membro do PT, um do PDT e um do PMDB, ligado ao MR-8. Todos os outros integrantes da chapa são considerados "independentes".

A "Começar de novo" também pretende trabalhar em conjunto com a reitoria. Segundo seus componentes, é preciso mobilizar os estudantes para, "com apoio das bases", pressionar a reitoria e cobrar as propostas dos estudantes. Além disso, "procurará trabalhar junto com funcionários e professores em causas como, por exemplo, a luta pela Rádio UnB.

Com relação à UNE, a "Começar de novo" não poupa críticas. Para a chapa, a entidade é desrespeitada e não representativa por culpa do PC do B, que não conseguiu nada para os estudantes em todo o tempo que passou na diretoria. Um membro da chapa reforça: "O atrelamento deve ser posto para fora da universidade". Para resolver os problemas enfrentados pela UNE, a "Começar de Novo" defende eleições diretas para a entidade.

Firmes em uma questionável postura apartidária, os membros da "Começar de novo" se colocam contra qualquer campanha externa, como a das "diretas já", dentro da Universidade.

A proporcionalidade defendida pela chapa "Até quando esperar" não encontra apoio na "Começar de novo". Para eles, esta proporcionalidade não passaria de um loteamento dos cargos entre as chapas, o que, na prática "não funcionaria". Além disso, segundo a "Começar de novo", cada chapa tem uma linha de pensamento e não seria possível o trabalho conjunto entre elas.

Outra proposta presente no programa da chapa é a ocupação, pelos alunos, do Centro de Vivência, que está sendo construído na UnB. Esta ocupação é vista pela chapa como uma forma de união e mobilização dos estudantes. Na plataforma da "Começar de Novo" também está prevista a criação da "UnB-TEC", que procuraria angariar recursos para a universidade através de projetos feitos pela comunidade do Campus.

MÁRCIA BINDER



A campanha das chapas está nos corredores do minhocão e o clima entre os estudantes ainda é de apatia às vésperas da eleição

Denúncia contra chapa é apurada

Segunda-feira de manhã os estudantes receberam uma nota, assinada por sete Centros Acadêmicos, em protesto contra o fato da chapa "Começar de Novo" ter utilizado verbas da UnB para o pagamento dos selos de 8.100 cartas de propaganda eleitoral, a serem enviadas para todos os estudantes da UnB. Tal denúncia culminou com uma reunião no gabinete do reitor, que instaurou uma Comissão de Inquérito a fim de apurar os responsáveis pelo ocorrido.

Para Edmilson Barros, presidente da chapa "Começar de Novo" existe uma prática, comum a todos os Centros Acadêmicos, que, por ocasião de eleições, enviam cartas aos alunos através do protocolo da Universidade. A chapa "Começar de Novo" teria partido deste princípio ao solicitar à Diretoria de Ação Comunitária (DAC) o envio das cartas para a campanha do Diretório Central dos Estudantes (DCE). Edmilson acrescenta que em nenhum momento houve sigilo do que estava sendo feito, mesmo porque a DAC autorizou o envio das cartas via protocolo. Edmilson diz que o alarde das outras duas chapas se deve ao fato delas não terem concebido a idéia primeiro, ficando assim, em desvantagem. Acusa "membros de partido" de terem violado a correspondência no protocolo e desta maneira conseguido a suspensão do envio das cartas junto à DAC.

Manoel Rodrigues, membro da chapa "Meu Coração Tem Um Desejo Imenso", contesta as afirmações de Edmilson, lembrando que ficava estabelecido pelo Conselho de Enti-

dades de Base (CEB) que todo e qualquer recurso material só poderia ser solicitado pela entidade e jamais por uma chapa. Manoel atribui esta decisão a um amadurecimento do movimento estudantil que se propôs a atuar conjuntamente para a reconstrução do DCE. Sendo assim a chapa "Começar de Novo" teria tentado burlar o acordo para tirar proveito próprio, gastando uma quantia significativa de Cz\$ 21 mil, além de material dos Centros Acadêmicos. Por esta razão, Manoel afirma estar evidente a má intenção da chapa.

A autorização para franquia das cartas pela DAC é um ponto de polêmica. A funcionária que autorizou e encaminhou o pedido ao protocolo é novata na sessão. A diretora da DAC, Conceição Zotta Lopes, assegura que a DAC não tinha instruções para liberar recursos para chapas e este é o

NATHALIA KNEIPP



Sexta-feira treze, fim de tarde: as cartas com propaganda eleitoral por pouco não foram enviadas pelo Correio da UnB

motivo de interdição, pedido pela DAC, de toda a correspondência da chapa. A DAC, sempre esteve ciente de que o pedido de verbas ou material é feito via entidades. Conceição afirma que se soubesse que o dinheiro seria para chapa não haveria autorização.

A Comissão de Inquérito formada na segunda-feira para esclarecer as denúncias, ou seja, se foi ou não autorizada a liberação de verbas da Universidade e sob quais circunstâncias, é formada por três pessoas representantes de cada uma das três chapas, três pessoas da Administração e três membros da Comissão Eleitoral. Até o momento de fechamento deste jornal a Comissão de Inquérito não havia concluído seus trabalhos.

NATHALIA KNEIPP

HISTÓRIA

Quatro anos de luta e inércia

Não é a primeira vez que o DCE da UnB é reconstruído. Isto já aconteceu no final dos anos 70, depois que a entidade permaneceu desativada por quase uma década, proibida pelo regime militar. Sob forte influência da grave crise política vivida pela UnB em 1977, o DCE ressurgiu com um objetivo bem definido: lutar pela queda do então reitor da UnB, capitão-de-mar-e-guerra José Carlos Azevedo, eminência parda na Universidade desde 1968.

Na reconstrução, a entidade recebeu o nome do DCE-livre Honestino Guimarães, em homenagem ao seu ex-presidente e da UNE, "desaparecido" pela ditadura. Em 1982, o DCE atingiu o auge de mobilização dos estudantes em uma greve que sacudiu o segundo semestre. No fundo das reivindicações por mais professores estava a eterna briga pela saída de Azevedo.

Mas, o desencanto dos alunos por suas entidades, que aconteceu em todo o País, chegou com muito mais força na UnB. As eleições, que deveriam ser feitas no segundo semestre de 83, foram adiadas para 84 por causa da desmobilização que já começa-

va a tomar conta dos estudantes. No primeiro semestre de 84, as eleições foram realizadas, mas, com apenas uma chapa concorrendo e com um profundo desinteresse dos alunos, o "quorum" de 35% não foi alcançado. No segundo semestre do mesmo ano, foi feita uma segunda tentativa, desta vez com cinco chapas disputando mas o resultado oficial foi o mesmo. O número total dos alunos havia sido calculado em nove mil e o "quorum" novamente não foi atingido. Mais tarde, descobriu-se que esse número era irreal e que, na verdade, mais de 35% dos estudantes haviam votado.

Nos primeiros anos sem DCE, parecia que a entidade não fazia falta. Em 1984 os estudantes participaram ativamente da campanha pelas diretas, chegando a enfrentar o general Newton Cruz e suas medidas de emergência em passeatas pela cidade. Em uma delas, na L-2 Norte, dois alunos da UnB foram presos, juntamente com Acildon de Mattos, presidente da UNE na época.

Em 1985, o inimigo público número um, José Carlos Azevedo, saiu da Universidade deixando em seu lugar

o professor Geraldo Ávila, que caiu logo em seguida por pressões da comunidade universitária. Mas, a ponta de lança de sua queda já não era os estudantes. Os professores, muito mais organizados, lideraram o movimento.

Na eleição para reitor, em junho de 85, os estudantes pareciam ter recuperado a antiga mobilização. Votaram em peso em Cristóvam Buarque, o candidato que catalizou as insatisfações com os anos Azevedo. Com a posse da nova administração, os estudantes contrariaram as expectativas e abandonaram de vez o DCE, e somente em raras ocasiões, como no movimento contra o projeto do GERES no final de 86, conseguiram novamente se mobilizar.

Agora, quatro anos após o adiamento da primeira eleição, a UnB poderá reaver seu DCE, dependendo da presença dos estudantes nas urnas.

EUMANO SILVA

B A S T I D O R E S

Garras afiadas atrás dos votos

Disposição. Esta é a palavra de ordem entre os componentes das três chapas que disputam as eleições para o Diretório Central dos Estudantes — DCE — da UnB. Os quatro anos de inexistência do DCE provocaram, dentro do coração destes estudantes, um desejo imenso de atuar politicamente na Universidade e, cansados de não saber até quando esperar, decidiram começar de novo. E começaram com garra.

Garras afiadas não faltaram no encontro entre as chapas "Meu Coração tem um Desejo Imenso", "Até Quando Esperar" e "Começar de Novo", que ocorreu no dia 10 deste mês, no Departamento de Comunicação. Não houve sangue, já que os componentes das chapas tentaram manter a calma e o bom humor. Mas, apesar dos esforços, a irritação e o nervosismo tornaram-se evidentes a partir do momento em que o Campus fez perguntas a todas as chapas, to-

cando em pontos sensíveis como a UNE e a vinculação partidária.

A chapa "Até Quando Esperar" afirma que vários componentes das outras chapas compartilharam das posições políticas da última gestão da UNE, que era reflexo das vontades e pensamentos do PC do B. A chapa começar de Novo faz a mesma acusação à "Meu Coração..." que se defende acusando as duas chapas de terem uma visão cupulista e fechada de movimento estudantil. Confusão no encontro; começam as já esperadas discussões e "troca de gentilezas". Nada grave. A calma é restabelecida e o debate prossegue. A chapa "Até Quando Esperar" não se mete na confusão.

Outro ponto polêmico foi a vinculação dos componentes das chapas a partidos políticos. A chapa "Meu Coração tem um Desejo Imenso" afirma que não quer ficar conhecida pelos partidos a que pertencem seus com-

ponentes e sim pelas propostas da chapa. A chapa "Começar de Novo" acusa "Meu Coração..." de estar "escondendo o jogo" e de não querer mostrar quem é quem. Recomeça a confusão entre as duas chapas. A terceira chapa — "Até Quando Esperar" — continua fora da confusão.

As acusações entre as chapas "Começar de Novo" e "Meu Coração tem um Desejo Imenso" persistem até o final do debate. Mas, em meio às ironias e às insistentes acusações dos dois lados, o clima entre as chapas não é dos piores. A tranquilidade da chapa "Até Quando Esperar" equilibra as exaltações e todos chegam ao final do encontro com uma opinião de consenso: as eleições no DCE precisam transcender sem "picuinhas" e nada de "baixo nível".

Final dos 60. Em meio a uma viagem de ácido, a juventude descobre inúmeras causas para a emergente rebeldia dos 50 e bota o bloco na rua, exigindo novos valores e uma inversão de ótica para abordar os problemas sociais e políticos. Descobre o próprio corpo e faz dele o seu principal palco de atuação, inclusive como arma para agredir a sociedade. Trepa, transa, faz amor, vivendo um processo de liberação de instintos há muito reprimidos e buscando uma prática sexual coerente com seu discurso libertário.

Final dos 80. Entre uma carreira e outra de pó, a juventude vai assumindo um perfil cada vez mais conservador. Herdeira daquela outra e fruto da impossibilidade de realização plena de suas lutas, paradoxalmente ela se revolta, já que de uma maneira ou de outra as idéias de li-

berdade chegaram às instituições. Ouvindo música minimalista, ela procura um relacionamento a dois, talvez porque já conheça o próprio corpo e esteja tentando administrá-lo melhor.

O corpo que os meios de comunicação insistem em explorar tendenciosamente, beirando a deseretização. O corpo que é ameaçado pela AIDS, a epidemia sexual da época, como já foi a sífilis, e que como esta serve de munição para as forças retrógradas da sociedade dispararem um discurso moralista e manipulador, um prato cheio para a Igreja, por exemplo. Pânico entre os chamados grupos de risco: além do físico, a discriminação se transforma em fantasma.

Um painel negro, digno deste final de século apocalíptico? Melhor não arriscar, porque sexo vira a cabeça das pessoas, ideologias e propostas vão por água abaixo se o tesão é grande.

LUIZ PIU

“A sexualidade nos iguala, ou melhor, nos rouba nosso mistério... muito mais que o resto de nossas atividades e empresas, é ela quem nos põe em pé de igualdade com nossos semelhantes: quanto mais a praticamos, mais nos tornamos como todo mundo. É durante uma operação reputada como bestial que experimentamos nossa qualidade de cidadão. Não existe nada mais público que o ato sexual.” (E.M. Cioran)

Sexo

AIDS

Quem foi que desequilibrou aqui?

O mundo moderno está testemunhando um fato inédito na história. Pela primeira vez, o surgimento de uma nova doença é presenciado, simultaneamente, via EMBRATEL, por cientistas e por populares, graças aos meios de comunicação e à exploração do tema em reportagens quase diárias. Mas, apesar da notoriedade que a AIDS ganhou, isso ainda não foi o suficiente para sensibilizar as pessoas envolvidas diretamente com a pesquisa sobre a doença. A professora do Departamento de Antropologia da UnB, Rita Laura Segrato de Carvalho, afirma que ainda não existem pesquisas na área de Ciências Sociais sobre o comportamento sexual e a AIDS. “Esse fato pertence a esse momento, e exige uma observação diária. Aqui em Brasília eu não sei de ninguém que tenha criado uma linha de pesquisa e saído em campo”.

Resta-nos então as conclusões próprias sobre o fenômeno, baseadas em

observações das reportagens, dos artigos científicos e de todo esse material humano que anda pelas ruas. A propósito disto, a antropóloga nos falou sobre a teoria que vem se formando em sua mente através de observações.

Tomemos como fato a coexistência de dois mundos distintos: um, o das pessoas do cotidiano, com seu trabalho, sua luta e sua TV; e outro, o mundo moderno com suas terminologias incompreensíveis e mudanças constantes. Partindo desse fato, podemos entender o porquê de a AIDS ser encarada, sobretudo, como um fenômeno que ocorre num plano mítico. Sua causa, um vírus de nome complicado, e os seus mecanismos de contaminação são, a princípio, algo fora dos limites da compreensão da maioria, personificando-se, assim, a doença em suas ilustres vítimas, artistas, políticos e demais personagens da mídia. Os anônimos são mero número de estatísticas que, in-

clusive, apontam o Brasil como o segundo país em número de casos da doença.

Segundo a antropóloga, nosso comportamento é regido por uma espécie de “programação”. Em um dos pólos de um “continuum” estão os animais irracionais, cujo instinto cobre quase que 100% dessa programação. No outro está o homem, cuja programação é constituída de uma componente nata que são “pulsões” ou necessidades básicas, e outra cultural, regida por todo um sistema de valores vigentes.

Essa programação é fator determinante, por exemplo, na formação de vínculos e instituições como a família, o casamento e etcetera.

Na atual conjuntura, devido à existência de um amplo leque de opções de vida e a um culto exacerbado a tudo que é diferente, os papéis tornam-se confusos e o sistema de valores, enquanto componente dessa “programação”, deixa de cumprir seu pa-

pel complementar junto às “pulsões” natas, o que implica em desequilíbrio, já que para que haja equilíbrio, são necessárias formas de associação constantes, sejam quais forem essas formas.

A “indústria”, ao longo dos tempos, criou mecanismos para driblar as forças naturais que serviam como freio da promiscuidade. Desse modo, mantém-se aberto o leque de opções, e assistimos passivamente à “busca pelo puro prazer da busca”.

“Mesmo que a AIDS tenha sido criada em laboratório”, afirma a antropóloga, “essa interferência da natureza vem mostrar a necessidade de uma maior reflexão sobre essa “programação”, no sentido de se reestabelecer um equilíbrio.”

HÉLIO FRANCO E MARIO SALIMON

Sexo de massa para todos os gostos!

A partir do momento em que o sexo começou a ser mais discutido e abordado, foi também mais explorado pelos meios de comunicação de massa. “É assim que acontecem com as coisas reprimidas — diz a professora Júlia Vucher do Departamento de Psicologia da UnB — quando vêm à tona, vêm com força total”. Hoje, o sexo é apresentado na TV, nas revistas e outros com muita naturalidade. Já começam a surgir questionamentos em cima desse fato: o sexo, quando mostrado em demasia, cai no comum, se vulgariza?

Na opinião do professor Sérgio Porto, do Departamento de Comunicação da UnB, a liberação do sexo pode até ter um lado positivo, de vencer barreiras sociais, mas torná-lo popular demais acaba banalizando-o. “O sexo não pode deixar de ser

um segredo”, afirma o professor. Ela acha que o comportamento das pessoas face à vulgarização do sexo não é influenciado, pois elas o vêem como um valor íntimo. Baseado nos comentários do analista e escritor Roberto Freire, Sérgio diz existir uma grande diferença entre o discurso e a realização sexual, alterando-se as regras o primeiro, que pode explicar em função da grande exploração do sexo no torno do assunto. Porém, o ser humano procurará sempre o seu parceiro ideal, vendo o sexo de uma maneira bonita e importante, sem se deixar levar muito pelo que veiculam os meios de comunicação.

Já o professor Clodomir Ferreira, também do Departamento de Comunicação, tem uma opinião mais flexível com relação ao assunto. Ele concorda com o lado positivo-

apontado por Sérgio — dos meios de comunicação mostrarem o sexo e romperem, assim, uma série de barreiras morais. Vê, também, o lado negativo do sexo ser um interesse massificante, comercial, o que termina reduzindo o seu valor. Porém, Clodo acha que há possibilidades dos veículos de comunicação usarem os apelos eróticos sem vulgarizá-los. “O sexo, nesse caso, pode integrar ou não a vida das pessoas. Quando ele é mostrado, de forma natural, com um erotismo saudável, é válido; mas quando querem dar a ele um sentido único de pornografia, à uma vulgarização”, comenta o professor. Há exemplos de filmes de bons diretores onde o sexo é bem utilizado e serve até como instrumento de reflexão.

Ao abordar o tema, a professora Júlia tem uma visão mais simples.

LARISSA CHAGAS

Deus disse: Darás à luz com dores

Quando a Eva caiu no conto da Serpente e comeu a maçã, a coitada nem podia imaginar que sua imortalidade acabava ali e que daquele momento em diante, tanto ela, quanto suas herdeiras teriam de pagar caro pelo fruto proibido, como avisou o próprio Senhor Deus.

Seja como for, os desejos se multiplicaram através dos tempos. Hoje o sexo virou até produto de consumo, ajuda a vender relógio, vodka e aparece nos veículos de comunicação com frequência cada vez maior. Segundo D. José Freire Falcão, arcebispo de Brasília, todas estas propagandas que aparecem na TV, as relações sexuais nas novelas, são a pura expressão de uma sociedade permissiva, um sintoma de degradação da sociedade.

Permissividade ou não, o fato é que o sexo está aí, em estudos científicos num bate papo no Ceubinho. A geração coca-cola, se não faz, pelo menos fala de sexo mais que a geração brilhantina. E a AIDS, seria o resultado desta permissividade, desta degradação?

“Não é a igreja (católica) que tem de definir a origem da doença, mas os cientistas. A nossa posição é de caridade com relação aos doentes”, lembra o arcebispo de Brasília, que aproveita para bombardear as atuais campanhas contra a AIDS, que sugerem o uso de preservativos e a redução do número de parceiros. “Não basta medidas de ordem médica, mas de ordem moral. Estas campanhas es-

timulam a permissividade da sociedade contemporânea”.

Se a Igreja Católica recomenda uma retomada da moral, para combater a AIDS, os saniases, discípulos de Bagnwan, partem para outro caminho; a “meditação do supermercado”, em que a pessoa escolhe o que faz, tendo consciência de tudo. “Se eu sei dos riscos da AIDS, vou procurar conscientemente relacionamentos e parceiros que não me levem a doença”, explica Pashanti que tem um consolo. “A energia sexual é básica, mas pode ser concentrada no andar, no vestir, no dançar.

GIULIANA MORRONE

“A mulher, vendo que o fruto da árvore era bom para comer, de agradável aspecto e mui apropriado para abrir a inteligência, tomou dele, comeu, e o apresentou também ao seu marido, que comeu igualmente. Então os seus olhos abriram-se; e, vendo que estavam nus, tomaram folhas de figueira, ligaram-nas e fizeram cinturas para si.” Gen. 3, 6-8.

Tele-acompanhantes Blues

“Aqui sua preferência sexual será satisfeita — Cz\$ 1.300,00 — 243 4968”. “Jovem charmosa classe A atende hotéis e domicílio — 273 9661”. “Angela Gay, linda, sensual, charmosa, elegante e discreta, loira, 1,71m, 69 quilos, atende-se homem de alto nível executivo — sigilo absoluto — 273 5789”. “Telegarota loira, 23 anos, manequim 42, 1,65m — 552 2530”.

Mesmo com os alertas contra a AIDS, que teoricamente reprimiriam a vida sexual desregrada, os classificados dos jornais estão cada vez mais repletos de anúncios de acompanhantes, massagistas e saunas gays. Esses anúncios certamente despertam muito mais a atenção do leitor do que os empregos domésticos e as casas para alugar.

Ao tentar entrar em contato com o primeiro telefone, uma surpresa! Uma voz sexy, mansa e melodiosa avisa que é uma gravação: “deixe o seu recadinho e em seguida faremos contato...”. Não deixei, é claro!! Tentei então outro número. A garota que atendeu perguntou logo se eu era cliente, pois em tardes chuvosas costumava atender diversas mulheres solitárias. Expliquei então que era aluna da UnB, escrevia para o Campus, etc... Demorei ainda alguns minutos para convencê-la que não era trote, e só assim ela começou a dar trela para o papo. Seu nome de profissão é Sônia, a brega, não a Braga, como ela mesmo diz brincando. Tem 19 anos, é morena cor de jambo, olhos verdes, 1,60m, 54 quilos, veio de Cuiabá para trabalhar como secretária de um amigo de seu pai. Sônia confessa que ficou surpresa com os homens poderosos que circulam por Brasília, sentiu-se atraída e fascinada pelo clima que pairava na cidade. Homens bonitos, ricos, cheios de charme e sedução... No começo, Sônia saía só com homens que paqueravam na noite, e se despediam com envoltórios presentes, provando que a cuibana realmente agradava. “Meus seios são lindos!! Adoro quando meus homens mordem e apertam meus peitos com força e vigor!!” Sexo para Sônia é vida. — “Tudo que sei na vida aprendi através do sexo, fazendo sexo! Adoro sexo!!” Hoje em dia anda meio deprê. A AIDS mexeu com a sua cabeça e está a um passo de uma crise sexual e psicológica. Sônia pede aos seus clientes que

usem camisinha, mas nem todos querem. Sônia transa assim mesmo e diz que todo mundo morre um dia.

Disquei outro número. Esse agora oferecia acompanhantes de classe para executivos de alto nível. Uma voz masculina atendeu e fui logo soltando a minha lábia, dizendo que era repórter até convencê-lo a chamar uma das garotas. Chamou Shirley, que inclusive já havia sido entrevistada por um programa de rádio sobre sua vida. Shirley contou de tudo um pouco: da AIDS, dos velhos que não gostam de usar camisinha, da preferência crescente por um sexo oral mais elaborado e do número de clientes, que no começo do ano diminuiu, mas agora voltou ao normal, aumentando ainda mais a procura nos finais de semana. Shirley faz rir quando diz que “em tempo de constituinte se trabalha muito...”. Shirley vai aonde a levam. Revela que já transou na praia, na concha acústica, em estacionamento de boate, na pracinha em frente à Embaixada de Portugal e, é lógico, na maioria dos hotéis e motéis de alto luxo da redondeza. Tem 31 anos, é magra e loira, aprimorou suas técnicas sexuais no Kamasutra, fala inglês e espanhol e trabalhou em duas empresas multinacionais. Shirley pede que seus parceiros usem camisinha, tem medo da AIDS e já fez o exame para ter consigo um cartãozinho provando que ainda não foi contaminada pelo HTLV-III. Certa vez, Shirley pegou um coroa que negou-se a usar a camisinha e, não tendo como convencê-lo, vestiu a roupa e foi embora, ficando apenas com 50% do pagamento que há havia sido feito antecipadamente para seu “empresário”. Descobri então que o “empresário” era a voz que me atendeu. Ele agenciava, além de Shirley mais quatro meninas e dois rapazes, um loiro e um moreno queimado de sol. Pedi então se era possível chamar um desses rapazes — de preferência o queimado de sol, é claro!! — Infelizmente os dois tinham saído para trabalhar.

Confesso que fiquei um tanto surpresa, pois ao contrário do que esperava, a AIDS não acabou com o prazer louco de uma vida bandida, cercada de muita sedução, tara e erotismo.

ANDRÉA MORAES

QUEREMOS TIRAR VOCÊ PRA DANÇAR,

Acrescentar mais brilho e movimento ao seu dia-a-dia. Quebrar sua rotina e fazer você sentir a incrível sensação de ter um palco a seus pés.

Por um preço simbólico, o núcleo de dança da UnB oferece cursos para todos os gostos e idades, e mesmo que você trabalhe haverá sempre um horário compatível.

Todos podem participar, independente da afinidade que possa ter com a dança. Esta é a melhor oportunidade para você se divertir ao mesmo tempo em que entra em forma. Escolha entre os grupos abaixo aquele que mais lhe convém, e informe-se atrás do Departamento de Música, no SG 10

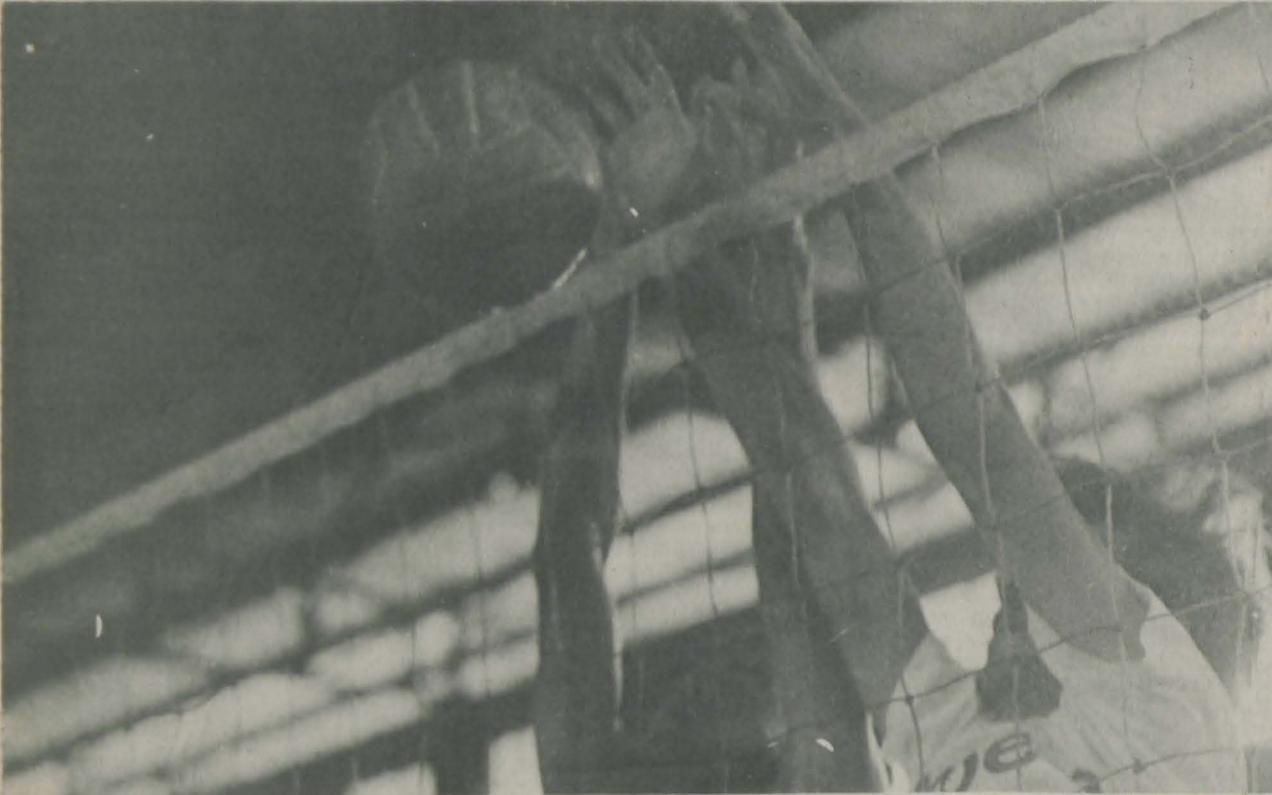
• LAPILAZULI
• INICIAÇÃO
• GEDUNB

• ENDANÇA
• DANÇA CONTEMPORÂNEA
• DANÇA CLÁSSICA

• GRUPO DE VIVÊNCIAS CORPORAIS
NÚCLEO DE DANÇA DA UnB

Clubes marcam ponto na UnB

CLAUDIA VALERIA



A formação dos clubes já agita a UnB. A ordem agora é treinar e treinar.

TOP festeja título de Piquet

Brasília começa a mostrar reconhecimento para com um de seus maiores expoentes do esporte: Nelson Piquet. A pouco tempo atrás foi fundada a TOP — Torcida Organizada Piquet — que está promovendo o Tri-campeão mundial de automobilismo na cidade e até em outros estados.

A ideia foi de Eduardo Nardelli, que foi piloto de corridas de 1966 a 70 e é amigo de Nelson Piquet. Um grupo de velhos amigos de Piquet se reuniu à muito tempo para assistir as corridas pela TV. Nardelli pensou em reunir umas 250 ou 300 pessoas, para viabilizar a confecção de bonês, camisetas, adesivos e outros materiais de promoção. Foi colocado um anúncio no jornal e a resposta foi muito maior do que se esperava.

Na primeira vez que a TOP se reuniu para assistir a uma corrida foram instalados um telão e três televisores em um restaurante que cedeu suas instalações. Atualmente a torcida conta com 1500 sócios e fez a última reunião, para assistir o grande prêmio da Austrália, na discoteca Zoom. Além disso, tem chegado correspondência de todo o Brasil, pedindo filiação. Para isto, Nardelli está preparando um manual para organização de filiais da TOP em outras cidades.

Nelson Piquet gostou da iniciativa. Brasiliense por opção, ele sempre promove a cidade no exterior. O seu escritório em São Paulo está sintonizado com a TOP para coordenar e apoiar a criação de novas filiais da Torcida. Essa iniciativa é importante porque é o reconhecimento por parte do público brasileiro para com um de seus maiores esportistas, estava sendo marginalizado pela imprensa em favor de Ayrton Senna, que se dispõe a paparicar os jornalistas, criando uma imagem "simpática".

A TOP está se preparando para receber e homenagear Nelson Piquet, quando ele vier a Brasília, pela conquista do Tri-campeonato. Já está pensando na torcida pelo Tetra no ano que vem e em um plano mais ambicioso: Uma campanha para mudar o nome do autódromo de Brasília para "Autódromo Nelson Piquet".

MILITÃO RICARDO

ISABELLA VILLAS-BOAS



Nardelli: idealizador da TOP

J U n B' s

Dedicação dentro e fora das quadras

Os JIUnB's terminaram. Para aqueles que participaram, valeu o empenho, a dedicação e a força de vontade. Mas e quanto aos jogos propriamente ditos? Foram um sucesso? As opiniões divergem. Existe, porém, um consenso: se não fosse pela Diretoria de Assuntos Comunitários, ou mais especificamente, pela pessoa de Lucila Rondon, do AER, os jogos poderiam ter sido piores ou, até, nem ser realizados.

No início do semestre, a própria AAAUnB não queria realizar os jogos alegando que não haveria tempo hábil, uma vez que o ano havia sido muito prejudicado pelas greves. Todo o pessoal responsável estava cansado porque só teriam 15 dias de férias. Foi aí que o DAC tomou a frente do processo realizando os primeiros ofícios, as primeiras articulações. "Pela falta de reuniões no início, como no ano passado, houve uma falha principal na comunicação entre os diretores de modalidade e a própria comissão organizadora", diz Lucila, que ajudou a coordenar o pontapé inicial, passando em seguida a bola para os alunos.

Durante o decorrer dos jogos, apa-

receram sugestões como, por exemplo, parar a UnB completamente por duas semanas para realizar as competições. Lucila considera a ideia inviável. "Com essa crise atual, nós não estamos num bom momento para o esporte no Brasil. Essa ideia precisa ser avaliada em função disso. O que pode ser cabível é o uso dos fins de semana ao longo do semestre".

Uma outra ideia: jogos no primeiro semestre, sim ou não? "Depende de quem entrar na AAAUnB. Se for o pessoal que participou esse ano, eu acredito que saia só no segundo semestre, por volta de agosto ou setembro. Se for uma diretoria nova eu acredito que eles não vão encarar uma organização de jogos logo no começo", completa Lucila.

E assim foi. Lucila esbanjou garra durante os jogos e foi o seu esforço que fez com que o triathlon feminino fosse realizado. Sem dúvida, ela foi um exemplo a ser seguido e pode ser vista como um dos grandes destaques dos JIUnB's.

MARCOS PINHEIRO

Um jogo e muitas emoções

Uma final digna de dois grandes times. Uma partida em que as emoções estiveram à flor da pele. Foi assim a decisão do vôlei masculino dos IV JIUnB's entre Educação Física e Administração/Contabilidade, vencida pela primeira, em virada sensacional. Um jogo para ficar na memória de todos os presentes.

Apontada como favorita no princípio, a Educação Física teve algumas dificuldades. Eram poucos os atletas dispostos a jogar; porém, à medida que as vitórias surgiram, o grupo foi aumentando. "Teve gente que chegou a dizer que não se importava de ficar no banco, desde que ganhasse a medalha no final", protesta Josué, um dos líderes do time campeão.

Formada por jogadores de experiência, mas que praticamente nunca tinham atuado juntos, a equipe foi ganhando conjunto com o decorrer dos jogos. "O nível técnico foi muito bom, e enfrentamos times fortes, como a Engenharia Elétrica (vice-campeã em 86), a Física e, é claro, a Administração", explica Gilson, o capitão.

As duas equipes chegaram invictas à decisão, ambas com sete vitórias. O jogo prometia ser nervoso. O equilíbrio se manteve durante o primeiro set, até que a Educação Física conseguiu fazer 14x12 no placar; a Administração, com muita calma,

"virou" e venceu por 16x14, causando certa surpresa. Veio o segundo set, e a Educação Física partiu disposta, abrindo alguma vantagem: novamente a Administração reagiu, fechando o placar em 15x11. Foi no terceiro set que a Educação Física promoveu a substituição que acabou por ser crucial para o destino da partida: trocou seu levantador Alexandre (professor) por Paulo Menesçal, menos seguro, mas que conseguiu ajustar as jogadas do time. O jogo persistiu parelho, porém a Administração fez 14x12 a seu favor. Com muita garra, a Educação Física igualou o marcador, e com dois bloqueios seguidos fechou o set em 16x14. Cansada, a equipe da Administração não resistiu, e perdeu o quarto set por 15x4. Com o descanso regulamentar, os dois times voltaram iguais. Apesar do constante equilíbrio, a raça da moçada imperava. O placar está 12x12; repentinamente a Educação Física faz dois pontos; descontrolado o adversário; surge a figura do Gilson, soberano nas bolas de meio: Educação Física 15x12 (3x2 no placar geral).

"Uma vitória inesquecível", atesta Josué emocionado. Nunca um favorito suou tanto para vencer...

MARCUS VINICIUS

Com o final dos jogos internos, muitas pessoas pensaram que o esporte estaria morto dentro da universidade. Quem seguiu esta linha acabou um pouco perdido, pois graças à AAAUnB estão sendo fundados clubes universitários em diversas modalidades, permitindo o aprimoramento dos atletas. Primeiro foi o handbol. Depois, seguiram-se

HANDEBOL

À procura de mais espaço

A partir de iniciativa do professor Alcir, e posteriormente do professor Clóvis, o clube de handebol foi fundado pela primeira vez em 1983. No entanto, devido à desestruturação da AAAUnB, na época, todos os papéis que continham a ata e demais partes burocráticas, se extraviaram. Foi necessária uma nova fundação, realizada a 24 de maio do ano passado. A atual diretoria conta com Eduardo Araújo como presidente, seu irmão Ricardo como vice, e Domingos como tesoureiro. O conselho fiscal é constituído por três membros efetivos (Mário, Jeovani e Márcio) e três suplentes. Foi devido ao handebol que outras modalidades, como o vôlei e o karatê, por exemplo, resolveram fundar seus clubes.

Atualmente o clube possui trinta atletas associados, porém somente doze se mantêm em atividade. Os treinamentos consistem em quatro sessões semanais de duas horas cada, e a parte física fica por conta própria. "Para o ano que vem pretendemos estruturar um melhor trabalho de preparação, com exercícios de musculação no Clube do Congresso, em conjun-

CLAUDIA VALERIA



Eduardo Araújo e o handebol

to com o pessoal do vôlei", explica Eduardo. Para se manter em atividade o ano inteiro, os atletas, além de disputar os torneios estudantis (JUDF, JUB's, e o próprio JIUnB's), são filiados à ASFUB, o que lhes

permite a participação a nível comunitário, como no campeonato da cidade, "onde somos vice-campeões desde 84", esclarece Eduardo.

Para tentar recrutar jogadores, o clube procura, ao início de cada semestre letivo, espalhar cartazes pela UnB convocando para os treinos. É e justamente a questão da divulgação um dos principais problemas, segundo Eduardo, "mas posso considerar bom o número de atletas associados, se levamos em conta as atuais condições do desporto universitário". Como fontes de renda o clube dispõe de uma caderneta de poupança (paga por seus membros) e das bolsas de trabalho/esporte. Apesar de vinculados à ASFUB, os atletas nada recebem da Associação. É a AAAUnB que cede bola e uniforme para treinos e jogos. "O que nos falta mesmo é algo mais profissional, de modo que possamos exigir nos treinos. Falta uma boa remuneração ao técnico e um intercâmbio com equipes de outros lugares. É importante que nos organizemos neste sentido, de forma a sairmos daqui com uma força representativa, capaz de fazer bonito lá fora", conclui.

KARATÊ

A luta por um lugar de destaque

Depois de diversos problemas com a diretoria da AAAUnB, finalmente o karatê conseguiu conquistar seu espaço. A dissolução das monitorias quase que comprometeu o esporte na UnB. Com a fundação do clube, o karatê poderá ganhar a força política necessária para levantar uma verba própria, que possa custear seus atletas em competições fora de Brasília, ou mesmo a nível internacional. "Por falta de uma melhor estrutura, não pudemos participar, em setembro, de um torneio em Comodoro Rivadavia, na Argentina", reclama André Luis, presidente do clube de GOJU-RYU, o primeiro que foi fundado.

Além do presidente, a diretoria é composta pelo vice-presidente Jeodry, e pelo tesoureiro Reginaldo, ambos faixas-pretas. No conselho fiscal estão Rodrigo Almeida, o "Fariinha", e Sérgio "Sivuca". Somente os "graduados" (todos acima da faixa branca) têm direito de eleger seus membros. "Se já éramos uma equipe de fato, agora somos de direito", fala André. "A AAAUnB nunca nos deu muita força. Conseguimos ir ao Brasileiro Universitário, em São Paulo, com um dinheiro vindo não sei de

MARCUS VINICIUS



André comanda o pessoal do GOJU-RYU

onde, e graças ao Hermany, da Educação Física, que nos deu a maior força", explica ele. "Ainda por cima, deixamos um atleta de fora para levar um 'burocrata' (o 'Bat-girl'), que foi lá só para ficar regulando nossa grana", protesta.

Os treinos dos atletas são de segunda a sexta-feira, das 12 às 13 horas, no prédio da Educação Física.

VÔLEI

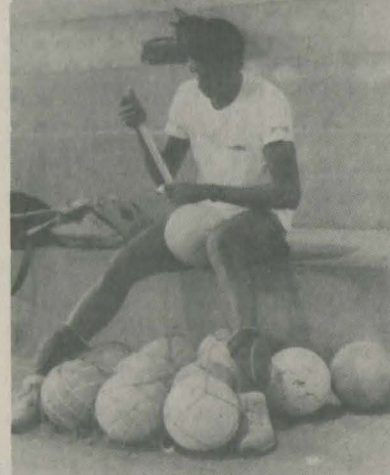
A busca de apoio na universidade

De repente era o segundo esporte nacional. Ai veio o Pan-americano de Indianápolis ele ele ficou meio perdido. Mas isto são águas passadas. O vôlei provou que não está morto, tampouco derrotado, quer seja nos cenários nacional e internacional, quer seja a nível local.

Foi principalmente pela necessidade de estruturar o vôlei dentro da UnB que um grupo de alunos decidiu criar um clube desportivo. Fundado no dia 16 de setembro deste ano, o clube nasceu como atividade comunitária, onde todos podiam participar. Hoje são aproximadamente 20 atletas no masculino e 10 no feminino, com uma boa capacidade técnica. "A nossa ideia era montar uma equipe que representasse a UnB em jogos fora daqui", diz Eliane, aluna do departamento de Educação Física e presidente do clube. "Chegamos a ser convidados a disputar o campeonato adulto da cidade, mas, devido a nossa falta de organização, não pudemos entrar.

Hoje, o clube de vôlei da UnB está estruturado da seguinte forma: Eliane, como presidente, Gilson, da EDF,

CLAUDIA VALERIA



Gilson, um dos fundadores no vôlei

como secretário, Vagner, da Contabilidade, como tesoureiro e o Josué, da EDF, como assistente administrativo. Os horários de treinos estão divididos da seguinte forma: Feminino às segundas, quartas e sextas às 12 horas e o masculino às segundas, quartas e

sextas à noite e sábado à tarde.

As tarefas, no clube são divididas, mas a solidariedade é grande. "Eu ajudo o Gilson nos treinos do masculino e ele me ajuda nos do feminino", diz Eliane. O pessoal do clube ainda acha que a parte física das equipes está um pouco fraca, porque os treinos são poucos. Por isso, a meta agora é conseguir uma integração com o clube de handebol para aprimorar a condição física dos atletas.

Um outro objetivo do pessoal que batalha pelo vôlei na UnB é incrementar a iniciação dos atletas. Para isso vai ser montada uma verdadeira campanha de divulgação, com cartazes e chamadas nos informativos da UnB (Boletim e Jornal CAMPUS).

Pelo jeito, o Vôlei está mesmo em alta na UnB. Durante os JIUnB's, a empolgação das pessoas pelo esporte foi enorme. "Estava todo mundo super-empolgado, treinando mesmo", comenta Eliane. O problema, segundo ela, é que "o esporte, como competição, é muito pouco apoiado dentro da UnB, e a gente é que tem que ir atrás", lamenta ela.

UNIVERSITÁRIO ?



E também faz ginástica, Yoga, karatê. Os estudantes já descobriram o ótimo local disponível aqui mesmo na universidade. As modalidades oferecidas já são sucesso absoluto, provando que quando o assunto é esporte nós damos um verdadeiro banho. Não fique aí parado. Procure o serviço de apoio e informe-se.

-Que nada...

• Natação •	12:00 às 13:00; 13:00 às 14:00 e 18:00 às 19:00 horas - sempre de terça a sexta.	• Yoga (estilo DOJÔ) •	6:00 às 7:00 - 3ª s e 5ª s 12:00 às 13:00 horas - 2ª s, 4ª s e 6ª s
• Ginástica •	12:00 às 13:00 horas - 3ª s e 5ª s 18:00 às 19:00 horas - 2ª s, 4ª s e 6ª s.	• Karatê •	12:00 às 13:00 horas - 2ª s às 6ª s e 2ª, 4ª s e 6ª s

SERVIÇO DE APOIO -SEC

JOSÉ GENOÍNO

“Faço política com paixão”

O deputado federal José Genoíno Neto, 41, está no seu segundo mandato, mas já se notabilizou como um dos parlamentares mais coerentes e aguerridos do Congresso. Nascido em Quixeramobim, Ceará, estudou Filosofia em Fortaleza e logo se tornou presidente do DCE do Ceará. Depois disso foi eleito diretor da UNE, tendo sido preso no histórico congresso de Ibiúna. A partir de 70 resolveu combater o regime militar, na sua fase mais dura, como guerrilheiro. Atuou na luta armada no Araguaia até que foi preso em 72 e condenado a cinco anos. Solto em 77, entrou para o PT. Nessa entrevista exclusiva ao Campus ele critica as elites, analisa a universidade e reflete sobre sua experiência como guerrilheiro.

Campus — Como o Sr. analisa a estrutura partidária hoje?

Genoíno — É uma estrutura frágil. Na verdade nós não temos partidos políticos estruturados que sejam canais de transmissão da política das classes dominantes. É uma tradição histórica que nunca no Brasil a classe dominante exerceu através dos partidos a sua dominação. Ela prefere as máquinas executivas do que os partidos para exercer sua hegemonia. Os partidos de esquerda procuram se afirmar com um certo perfil ideológico. Os grandes partidos da burguesia são frágeis porque ela não aposta neles. Os partidos são muito mais instrumentos meramente eleitorais, máquinas para chegar a um determinado cargo do que veículos de uma política. E um dos elementos da crise da Constituinte e do Governo é a debilidade dos grandes partidos. O PMDB e o PFL são partidos débeis enquanto instrumento político. São partidos sem um programa, sem uma atuação permanente. São máquinas eleitorais e parlamentares.

Campus — O PT vai sobreviver a essa transição?

Genoíno — O PT está crescendo desde o seu nascimento no final da década de 70. Um período duro para o PT foi a formação da Nova República, contra a qual nos posicionamos. O PT foi o único partido de esquerda que se opôs à transição desde seu nascimento. Denunciou o Colégio Eleitoral e a Aliança Democrática, diferentemente de outros partidos de esquerda que agora é que estão fazendo oposição. E houve uma ofensiva muito grande contra o PT, principalmente em 85 e 86. O PT passou por essa fase, não se isolou e entrou numa fase de crescimento. Mas esse crescimento do PT não é uma inchação. O PT faz um corte classista na sociedade brasileira. A simpatia ao PT é uma posição avançada da população em relação aos demais projetos políticos-partidários.

Campus — A Constituinte reflete a sociedade brasileira atual?

Genoíno — A Constituinte é um reflexo deformado por uma eleição casuística de leis não democráticas e pelo poderio do capital. O capital falou mais alto do que a consciência popular.

Campus — A voz do capital não vai sempre falar mais alto em eleições no Brasil?

Genoíno — Claro. No Brasil ou em qualquer país capitalista em que a eleição é basicamente um instrumento de legitimação da ordem econômica, política, social e ideológica burguesa, a eleição vai refletir isso. E por isso que quando nós socialistas disputamos uma eleição, temos o objetivo de questionar essa hegemonia, essa dominação, sabendo sem ilusão das limitações de uma eleição nesses termos. A eleição de 86 foi particularmente “sui generis” (peculiar). Três fatores pesaram negativamente: o poder do capital, as leis casuísticas e a demagogia com o Plano Cruzado. Isso pesou muito, principalmente para um partido como o PT, que durante os anos de 85 e 86 foi acusado por todas as autoridades dessa república. Tentaram passar o PT da condição de vítima para a de agressor. Mesmo assim nós conseguimos crescer na eleição de 86 em relação a 82.

“No Brasil, a classe dominante é reacionária e retrógrada”

Campus — Vocês socialistas questionam a legitimidade dessa Constituinte?

Genoíno — Na convocação da Constituinte o PT foi o único partido que questionou a Constituinte congressual, pois nós queríamos uma Constituinte exclusiva. Além disso, o PT foi para as eleições com um programa político. Nessa Constituinte, a maioria conservadora, retrógrada e corporativista tem medo do debate político. A grande questão posta na Constituinte é se ela é ou não um fórum de politização das relações de classe na sociedade brasileira. E essa politização vai estar vinculada com a legitimidade ou não da Constituinte. Se nós tivermos uma Constituinte que procure incorporar no seu texto os direitos populares ela vai ter respaldo. Se for feita de maneira conservadora, não vai ter essa legitimidade. Nós lutamos com duas mãos ao mesmo tempo. De um lado, buscamos arrancar conquistas pela transformação de direitos em leis. De outro, marcamos posição nas questões de princípio — afinal, sabemos que nosso programa não será

aprovado por essa Constituinte.

Campus — Alguns parlamentares têm criticado raiosamente o texto constitucional que está sendo elaborado. O deputado José Lourenço (PFL-BA) chegou a rasgar o projeto. O atual ministro Prisco Viana (PMDB-BA) disse certa vez que a solução para essa Constituição seria um incêndio total no prédio do Congresso. O Sr. concorda com isso?

Genoíno — Esse setor da classe dominante que chamo de direita truculenta — já que existe uma direita civilizada — representa o extremo reacionarismo. A classe dominante brasileira é muito retrógrada e reacionária. Tem medo dos avanços por menores que sejam. Esses setores de ultradireita estão com medo dos avanços parciais que estão sendo conseguidos. A classe dominante nunca enfrentou o debate político, nunca enfrentou a política como uma mediação desses conflitos de classe e do embate de classes. Qual

“Ainda não há uma consciência democrática no povo brasileiro”

a relação que ela tem no campo? Matar! Numa greve? Chamar a polícia, baixar o pau e demitir o pessoal. A burguesia brasileira se educou numa relação repressiva, chamando sempre o Estado para dar porrada e garantir a ditadura do capital da forma mais violenta. Por isso, um setor da burguesia acha que esse negócio de democracia tá demais. Quer fechar o processo e baixar uma Constituição, de preferência preparada por Saulo Ramos (consultor-geral da República), na base do pacote. Isso é que explica esses arroubos de reacionarismo dessas lideranças partidárias.

Campus — Existe algum risco de retrocesso?

Genoíno — A situação política é delicada, com um Governo em profunda crise. A própria transição está numa fase crítica, de esgotamento e sem legitimidade junto ao povo. O mudancismo que empolgou a população acabou. Num período muito curto a população acumulou muitas frustrações. Num quadro como esse, existem três alternativas: um processo de direitização do País com Sarney — um Governo inteiramente sob tutela do aparelho militar; o parlamentarismo “à la brasileira”, que impediria o povo de eleger o Presidente da República em 88 e montaria um Governo peemedebista para tentar segurar a transição; e, uma terceira alternativa, que representaria uma flexão democrática na transição, seriam eleições diretas para Presidente da República em 88. Seria colocar o povo diante da possibilidade política de participar de um grande debate nacional sobre a criação, escolha programas de governo e candidaturas. Ao continuar essa situação entraremos numa fase onde haverá tentativas e riscos de retrocesso político. A direita está se articulando através da ABDD (Associação Brasileira de Defesa da Democracia), desse movimento de capitães, dos editoriais de alguns jornais, da UDR, procurando ocupar espaço político. E essa articulação de ultradireita pode começar a fazer o deslino, ao nível de atentados, ameaças e chantagem, para encerrar o processo político numa camisa-de-força em que se tenha que apolar o ruim para evitar o muito ruim. A saída para isso é criar um movimento político de natureza popular com base em um programa, criando uma alternativa. O desânimo e o ceticismo da população é muito grande e a questão tem de ser enfrentada apresentando uma alternativa à crise.

Campus — Há tentativa de se desestabilizar o Governo?

Genoíno — Esse Governo já se auto-instalou. O que há, dentro e fora dos quartéis, são movimentos políticos da ultradireita, os saudosistas da ditadura militar, que querem, nesse quadro de crise, aparecer e se credenciar como alternativa de Governo. Isso existe. Não tenho dados sobre a dimensão, mas um ditado diz que “onde tem fumaça, tem fogo”. O movimento democrático no Brasil tem de se manifestar, denunciando essas articulações. Infelizmente, não temos ainda uma consciência democrática disseminada no povo brasileiro. Episódios como os de Apucarana (onde um capitão invadiu a prefeitura com tropa armada para reivindicar melhores salários) e da ABDD no Rio de Janeiro (onde oficiais de direita se reuniram

para criticar o Governo) mereciam uma manifestação política. Não podemos assistir como se fosse um fato corriqueiro essas articulações da direita. Na medida em que a direita vê espaço pode representar uma ameaça séria.

Campus — A tutela militar está conduzindo o País a outro impasse?

Genoíno — A tutela militar não é exclusividade do governo Sarney. A tutela militar foi uma das condições dessa transição, que foi negociada com os militares do antigo regime. Assim, nunca deixou de existir a tutela militar durante toda a transição. E essa foi uma das razões que levou o PT a não legitimar essa transição como os demais partidos de esquerda fizeram.

Campus — O País corre o risco de uma intervenção militar?

Genoíno — A intervenção no processo político não é exclusividade dos militares. Tudo depende de uma determinada situação política, dos interesses de classe que entram em jogo, do papel do empresariado nacional e estrangeiro. Essas condições não existem hoje. Mas a questão militar tem que ser discutida doutrinariamente e politicamente na Constituinte para que a sociedade acompanhe esse debate. Aliás, toda transição debateu a questão militar: a transição argentina, a espanhola, a portuguesa, a uruguaia. O problema é que no Brasil a transição não só não foi debatida, como escondeu-se a questão. E uma dificuldade na Constituinte debater essa questão. O que nós reivindicamos é o debate político sobre essa questão. Sem preconceito e sem o revanchismo com que se tenta desqualificar o debate. O debate é importante para a socie-

PAULO CABRAL



“Não podemos deixar de reivindicar por temer um golpe militar. Dessa forma o golpe passa a ser uma chantagem da ultra-direita para impedir avanços. Muitas vezes o fantasma do golpe é intimidatório”.

dade e para os militares, enquanto indivíduos. Que esse debate seja inclusivo um instrumento para modificar cabeças. A Constituinte não pode aceitar de maneira alguma qualquer veto militar em qualquer questão, sob pena de comprometer o seu próprio trabalho. Não podemos ficar na posição de não reivindicar temendo um golpe. O golpe passa a ser uma chantagem da ultradireita para impedir avanços.

Campus — O Brasil vai estar sempre sujeito ao humor dos golpistas de plantão?

Genoíno — O grande problema é que o Brasil é um país capitalista dependente e monopolista que convive ao mesmo tempo com a modernidade do capitalismo desenvolvido e o atraso e o arcaísmo das relações mais atrasadas de produção. A burguesia sempre jogou no aparelho repressivo do estado para sustentar os seus interesses. Se nós não tivermos um movimento democrático na sociedade brasileira, uma consciência democrática de que não se deve lutar apenas pelos interesses corporativistas e setoriais, mas pelos interesses políticos gerais de liberdade, não será possível criar o contraponto a essas tentativas de golpe. Muitas vezes o fantasma do golpe é intimidatório. Para evitar o golpe não adianta se esconder ou aceitar a chantagem. E preciso mobilizar a sociedade em torno dos seus interesses.

Campus — A campanha das diretas-88 promovida pelo PT fracassou?

Genoíno — Ela sofreu um refluxo, uma derrota parcial. E que faltou a definição de um programa político. Uma plataforma política de bandeiras e reivindicações que desse substância ao fato de querermos eleger o

Presidente da República. Além do mais, é necessário que os candidatos apareçam e comecem a campanha. A necessidade de encurtamento do mandato presidencial tinha de estar calcada num programa político e no lançamento de candidatos como Lula, Brizola, Mário Covas, Ulysses...

Campus — O PT é acusado de sectarismo ideológico. O PT admite composições com outros partidos?

Genoíno — Isso é um equívoco. O que o PT nega é alianças com as classes dominantes, pois os trabalhadores brasileiros já pagaram ao longo de sua história um preço muito alto por alianças desse tipo. Qual foi a trajetória dos demais partidos de esquerda em relação à transição? Não foi apoiar o Sarney e o Tancredo? Olha no que deu. Nas eleições de 86 eram candidatos a governador Newton Cardoso, Moreira Franco e Quêrcia. Era certo o PT apoiar esses caras? Não dava. O PT não é sectário, mas busca alianças que mantêm a sua autonomia enquanto alternativa dos trabalhadores. Alianças com a burguesia eu nego porque seria um passo atrás. Os partidos comunistas preferiram fazer aliança com a burguesia, mas isso não é culpa do PT. A aliança deve ser um instrumento de avanço, não de retrocesso.

Campus — O relator da Comissão de Sistematização, deputado Bernardo Cabral, declarou que gostaria de ter no Brasil estadistas no lugar de improvisadores. Em que categoria se encaixa o presidente José Sarney?

Genoíno — Um dos grandes problemas das elites brasileiras é que elas hoje vivem uma crise de liderança, uma crise de estadistas. Falta no Governo alguém que possa de

embate importante na Constituinte, mas é bom deixar bem claro que pela sua composição, dificilmente esta Constituinte aprovará um texto que possibilite a reforma agrária desejada pelos trabalhadores.

Campus — O Governo Sarney está realizando uma reforma agrária?

Genoíno — Não. Há apenas, em algumas regiões e em alguns casos, processos de assentamento. Mas isso não é reforma agrária.

Campus — Dentro desse quadro, é possível realizar uma reforma agrária efetiva hoje?

Genoíno — Acho muito difícil. Secularmente, a questão da terra no Brasil nunca sofreu mudanças estruturais. Há nessa discussão uma questão de natureza ideológica, já que a propriedade territorial no Brasil mexe com um tema muito profundo, que é o sentimento de propriedade. O sentimento de propriedade em relação à terra é mais reacionário e conservador do que em relação aos bancos, indústrias e comércio. Há toda uma tradição cultural e ideológica que vem de longos anos. O reacionarismo das relações no campo é muito grande. No Brasil, a classe latifundiária sempre estabeleceu uma relação violenta. A luta de classe no campo é muito radicalizada porque

episódio de Goiânia sintetiza isso. Os corpos chegaram em Goiânia e a população não queria vê-los enterrados — quando a última homenagem prestada a um ser humano é seu enterro. Olha a loucura em que nós estamos! O fenômeno da AIDS... o fantasma da AIDS acaba mexendo no comportamento das pessoas. Viver feliz pode significar perder a vida. É uma crise orgânica das relações políticas e ideológicas da sociedade. Minha geração universitária, nos anos 60, trazia um movimento de renovação cultural. O movimento hippie, a bossa-nova, o teatro de contestação, os fenômenos do Vietnã, da revolução cultural, do México, de Paris. Eram fenômenos da humanidade que vivíamos na época.

Campus — Os anos 80 são os anos do tédio?

Genoíno — Os anos 80 são os anos da fossa, do fundo do poço. Que eu espero que sejam as vésperas de um novo ciclo de efervescência da humanidade na busca de seus sonhos e suas utopias. Mas não podemos medir a história por datas. No Brasil, vivemos um período de resistência à ditadura militar. Depois, veio a Nova República, que perdeu o encanto e o atrativo. A solução é sair do cotidiano, do óbvio. Ninguém mais atrai as pessoas pela obviedade. As pessoas precisam hoje encontrar motivações mais profundas. Participar, por exemplo, de um centro acadêmico, de uma manifestação política.

Campus — O PT corre o risco de se tornar politicamente superficial e óbvio?

Genoíno — O PT tem de aprofundar algumas discussões políticas e ideológicas no seu interior para definir os parâmetros da sociedade que nós queremos. O capitalismo está enfrentando uma crise profunda e não há na burguesia nenhum plano para superá-la. A burguesia empurra com a barriga a crise. O PT tem de aprofundar suas investigações e formulações para enfrentar esse período de tédio e desencanto. O socialismo só será viável se as pessoas saírem da condição de objetos para a condição de sujeitos. Temos que construir e lutar por uma sociedade em que as pessoas não sejam fragmentos de seres humanos. Queremos libertar seres humanos completos.

Campus — Que semelhanças existem entre o José Genoíno guerrilheiro no início dos anos 70 e o Genoíno parlamentar constituinte?

“A universidade é o nervo mais exposto da sociedade”

Genoíno — A semelhança é que o sentido geral da luta é o mesmo. O enfrentamento de natureza político-ideológica. Claro que vivemos situações totalmente diferentes enquanto palco de luta e condicionamento dessa luta. Para mim a história da luta não é seccionada em compartimentos estanques. Ao contrário, a história tem um fio condutor que é permanente. E em cada período que se vive aprendemos. Acho que a experiência do Araguaia e da prisão foi muito rica, tanto quanto aos ensinamentos quanto à avaliação crítica dos erros cometidos nessas experiências. A história só tem sentido quando é um instrumento de transformação do presente. Realizar no presente o futuro que se quer construir. Fugindo sempre do maniqueísmo do bem e do mal, por que isso não existe.

Campus — O deputado recebeu lições do guerrilheiro?

Genoíno — Minha experiência no Araguaia e na prisão compõe um capítulo de uma trajetória de luta que começou em 1967 quando fui eleito presidente do Centro Acadêmico. Depois veio o DCE e a UNE — são capítulos. Mas eu não posso pensar minha vida em capítulos, já que eles compõem uma totalidade. Na campanha para a Constituinte meu lema era “Toda uma Luta na Constituinte”. Eu não secciono. Os valores que estiveram presentes em mim continuam nos enfrentamentos da Constituinte. Não para repetir de maneira pitoresca ou exótica essas coisas, como se imaginava no início.

Campus — Que diferenças separaram o Genoíno guerrilheiro do Constituinte?

Genoíno — São situações bem distintas e opostas. No Araguaia, como agora, eu tinha um objetivo político e lutava por uma causa que considero importante. Mas ao longo de minha militância política sempre preservei uma coisa: a luta para mim nunca foi um sacrifício, tarefa ou obrigação. Política e luta são condições para que eu viva. Eu luto porque tenho paixão por lutar. Eu faço política com paixão. Não separo a política da minha vida individual ou das minhas relações. Fiz tudo com paixão — seja no movimento estudantil, na guerrilha ou na Constituinte. A luta pelo socialismo não é uma penitência ou castigo. Aqueles que lutam por uma sociedade alternativa não podem representar. Se queremos construir uma coisa grandiosa, temos que lutar com atitudes grandiosas. Se queremos uma coisa bela, temos que ser belos na luta por isso. Lutar e fazer política, para mim, é vida.

RICARDO MIRANDA FILHO
EUMANO SILVA e
VERNER UHLMAN